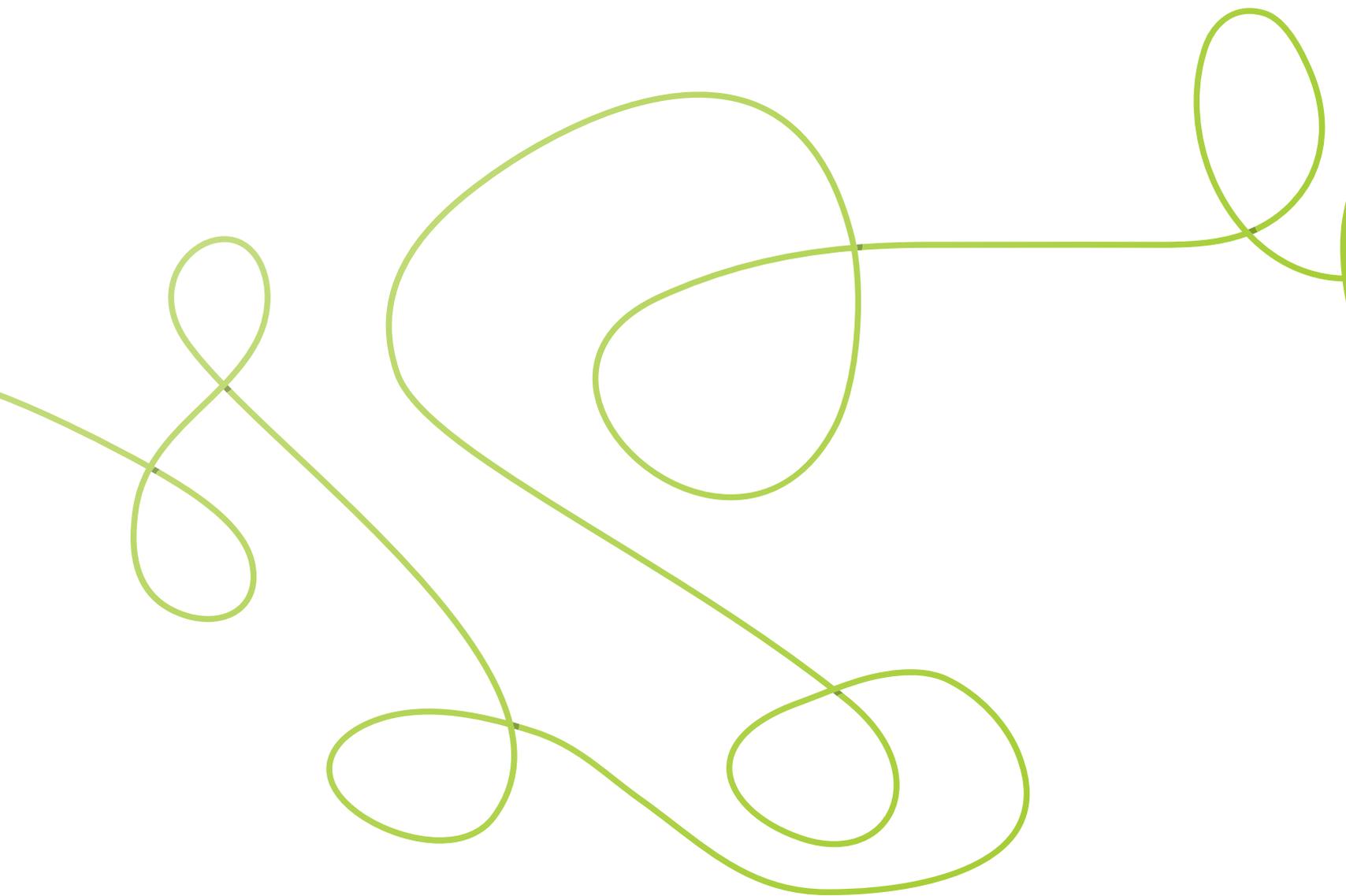
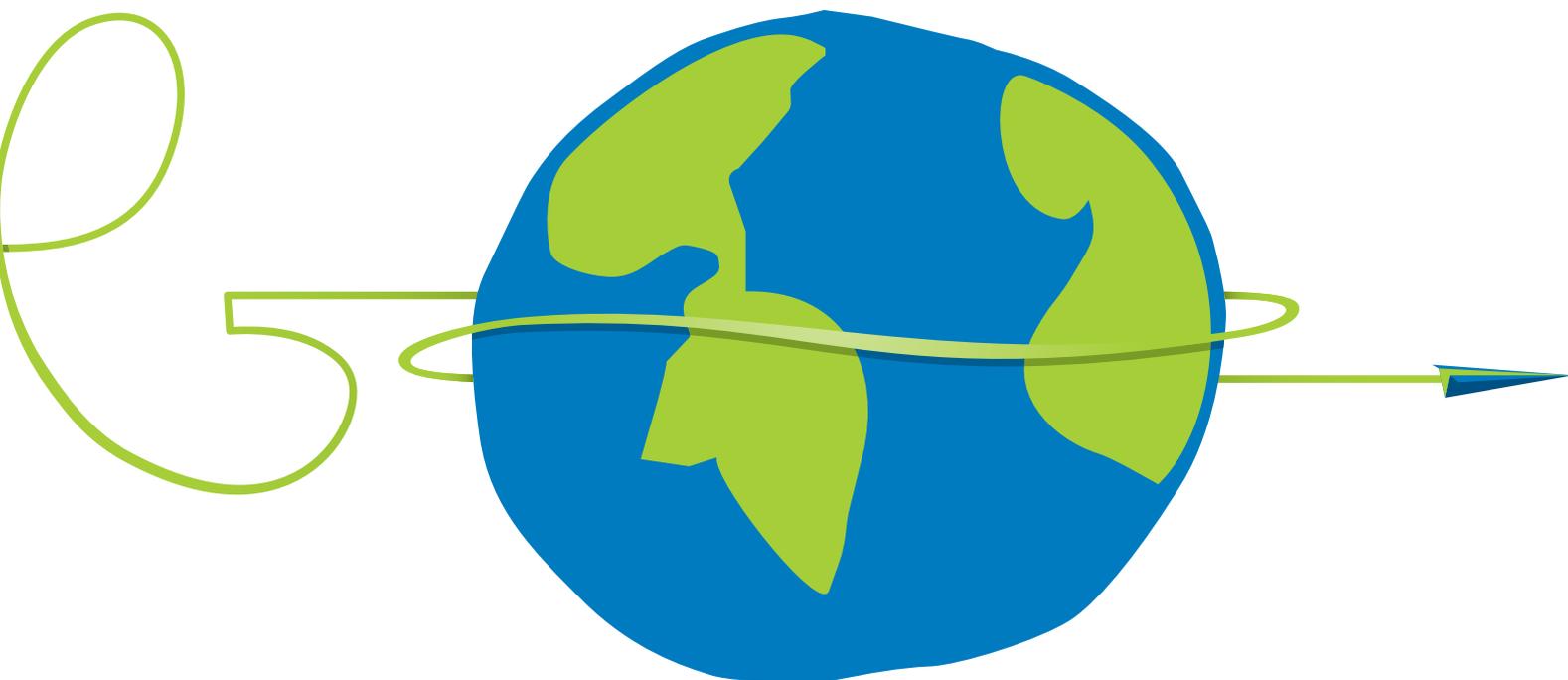




JOÃO XXIII

uma obra educacional





O mundo do João

50 ANOS DO COLÉGIO JOÃO XXIII

Porto Alegre - 2014

O MUNDO DO JOÃO – Uma obra educacional ©

Colégio João XXIII

Rua Sepé Tiaraju, 1013 - Medianeira, Porto Alegre - RS

www.joaoxxiii.com.br / facebook: joão23

Organização: Direção Pedagógica, Equipe Técnica e Fundação Educacional João XXIII

Textos e edição: Rosina Duarte

Projeto gráfico e diagramação: Patrick de Medeiros

Fotos: Acervo João XXIII, Arquivo Nacional (págs. 34,35), Edgar Aristimunho (págs. 6, 119), Nabor Goulart (págs. 74, 126, 138, 139, 140, 141) e Rafael Wilhelm (págs. 12, 14, 17, 18, 19, 20, 22, 26, 27, 85, 102, 103, 104, 105, 110, 112, 114, 128, 132, 133, 134, 135, 138, 139, 140, 141, 154)

Colaboração: Carla Martins e Luana Dalzotto

Revisão: Mara Krebs

Produção: Cláudia Schntz

Fundação Educacional João XXIII

Cristina Pozzobon – Presidente

Afonso Mossry Sperb – Vice-Presidente

Luis Alexandre Neis – Diretor Financeiro

Edgar da Silva Aristimunho – Diretor de Comunicação

Pedro Chaves Barcellos Filho – Diretor de Obras e Patrimônio

Blair Costa D´Avila – Diretor Jurídico

Direção Pedagógica

Anelori Lange – Direção Geral

Maria Tereza Coelho – Vice-Direção

Agradecimento especial

Este livro foi possível porque contou com o envolvimento da comunidade escolar.

Colaboraram no Projeto João XXIII 50 anos

Anelori Lange, Carla Martins, Cristina Pozzobon, Edgar da Silva Aristimunho, Fabíola Slongo Sviroski, Frederico Ritter, Lucia Helena Achutti, Maria Tereza Coelho, Ricardo Suné Novossat e Rosina Duarte

373.55
M965

O mundo do João : uma obra educacional / Rosina Duarte (organizadora) - Porto Alegre :
Fundação Educacional João XXIII, 2014.
155 p. il.

1. Escola comunitária. 2. Escola - História da.

ÍNDICE

Volta ao mundo do João	9
A CASA DO JOÃO.....	13
Curriculum vitae	28
Visita inesperada.....	33
Parto de risco.....	34
NO MEIO DO CAMINHO TINHA UMA PEDRA	39
É permitido errar	43
Os inspiradores	45
O legado de zilah	50
“Éramos loucos”	55
NO MEIO DO CAMINHO TINHA UM FUSCA.....	57
Todos por um	63
Fruta no pé	65
Senhor administrador	70
NO MEIO DO CAMINHO TINHA UM TRONCO	77
Galhos e raízes	81
Esculturas sonoras	86
O tronco do bem	88
Roda viva	90
A voz do morro	93
NO MEIO DO CAMINHO TEM UM ARCO-ÍRIS.....	95
Livres para voar	99
Das fraldas Ao vestibular	111
Admiráveis Mundos novos.....	118
Terra passada a limpo.....	120
Ambiente virtual	122
Ao longo do caminho tem gente.....	125
Mapa do tesouro	129
Um passeio por todos nós	136
Um ano inteiro para comemorar meio século	138
O efeito João	142

CASA DE CULTURA



MARIO QUINTANA





Let's Invent a Story
Mario Quintana

Letras

VOLTA AO MUNDO DO JOÃO

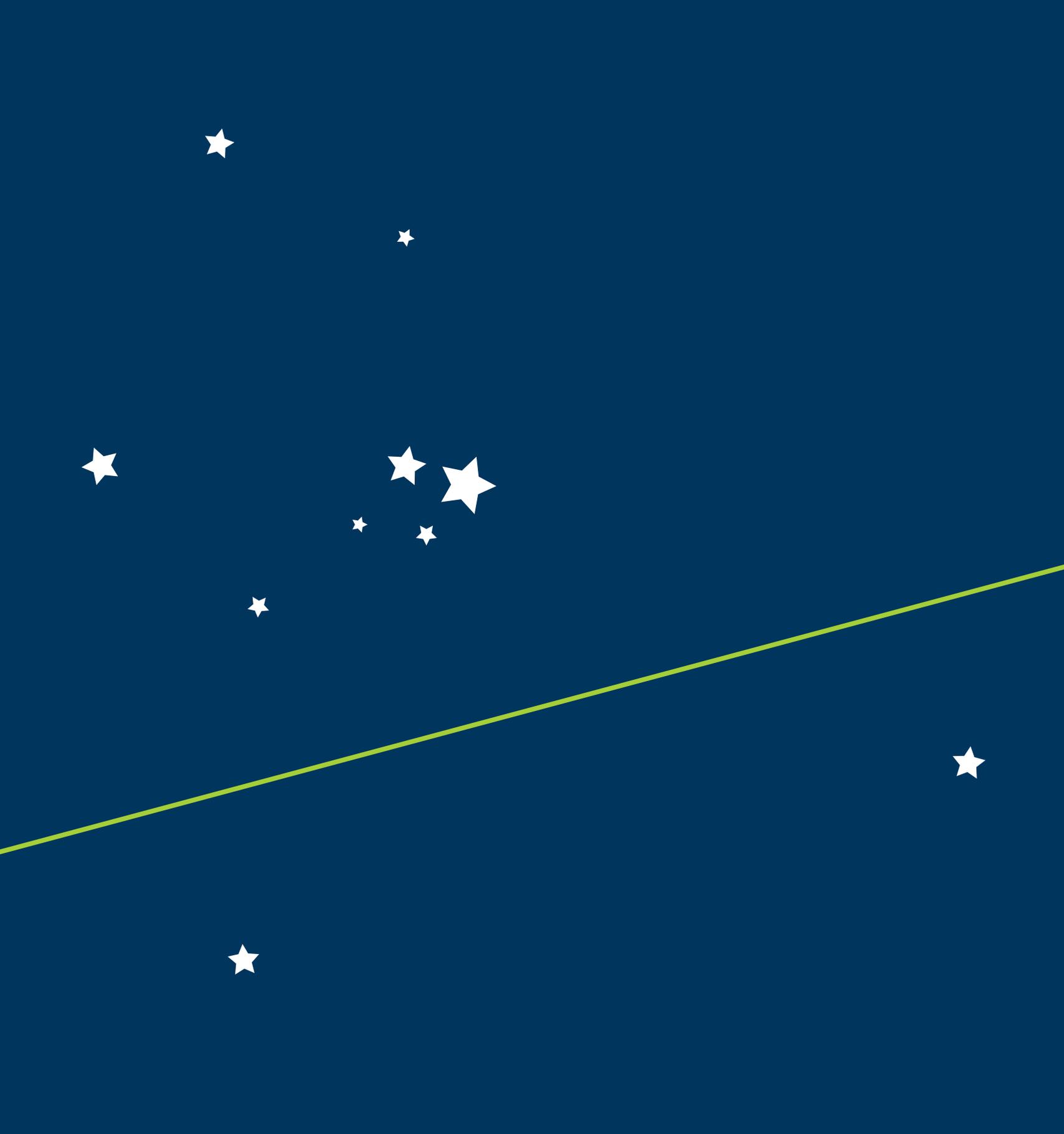
Este livro é uma viagem panorâmica por meio século de uma obra educacional iniciada em 1964, quando falar em educação libertadora era uma transgressão.

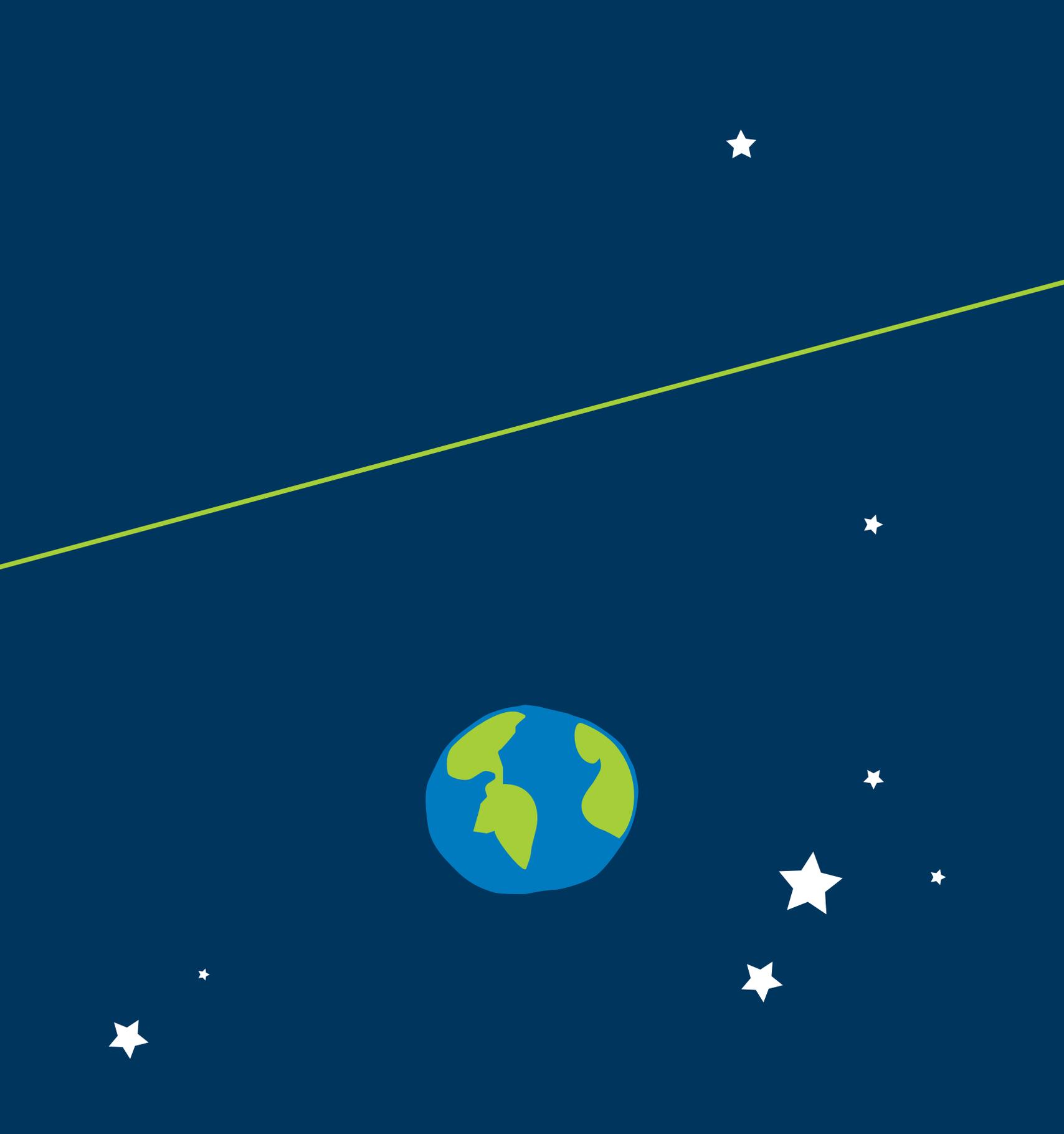
Nessas cinco décadas, o Brasil mergulhou em uma sombria ditadura militar; ouviu o clamor popular pelas eleições diretas e pela Anistia; foi revigorado pela redemocratização; ganhou uma nova Constituição; trocou de moeda; reformulou a Lei de Diretrizes e Bases; implantou o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e reformulou inúmeros conceitos de educação, acrescentando, inclusive, mais um ano ao Ensino Fundamental.

A chegada das novas tecnologias provocou uma mutação no sistema linear e na velocidade da informação. Redes se estabeleceram, possibilitando a pluralidade planetária. Nesse contexto, a sociedade cada vez mais complexa, vem se caracterizando pela liquidez das relações, pelas inovações vertiginosas e pela percepção de infinitas possibilidades.

Esse cenário mutante refletiu-se diretamente na escola, que precisou aprender a descentralizar o conhecimento, passando a ser uma facilitadora das conexões entre o aluno e o mundo do saber.

Maduro aos 50 anos, o Colégio João XXIII – que sempre esteve aberto às transformações – se renova sem perder a identidade, mantendo intacta a proposta de educar com liberdade e responsabilidade, possibilitando repensar o conhecimento e a condição humana. Se um dia foi um sonho de quatro educadores, ou a aposta de famílias corajosas em uma possível utopia, hoje é uma história real.









A CASA DO JOÃO

Bem-vindo. Você está entrando na casa do João, onde crianças e adolescentes são educados não só para construir conhecimento, mas também para desenvolver a criatividade e a consciência. Em outras palavras, está prestes a fazer uma visita guiada pelo Colégio João XXIII, primeira escola comunitária de Porto Alegre, fundada em 23 de agosto de 1964. Naquele ano turbulento, enquanto o País mergulhava em uma ditadura militar, com um dos pilares cravados na educação autoritária e tecnicista, o João começava uma obra pedagógica progressista, humanitária e democrática, embasada na liberdade de pensamento.

Não, você não se enganou de endereço. Não se trata de um parque urbano com vista para o Guaíba. É mesmo uma escola, onde os 1100 alunos e os 203 educadores trabalham, ensinam e aprendem em uma área ecologicamente preservada de 25.000 metros quadrados arborizada com espécies nativas como cinamomo, quaresmeira, xaxim, pau-ferro, nogueira, guajuvira, angico, açoita-cavalo, jacarandá, erva-mate e também frutíferas, como bergamoteira, pitangueira, nespereira e abacateiro.

As árvores têm crachás, ou seja, placas identificadoras, resultantes de um estudo realizado pelos alunos e professores do Ensino Fundamental que confeccionaram o “Biomapa das Árvores do Colégio João XXIII” orientados pelo Departamento de Botânica da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Em algumas delas, existem casas de árvore. Em outras, podem ser vistas crianças comendo pitangas balançando-se nos galhos, sob o olhar atento dos educadores. Servem também de condomínios de pássaros camuflados entre as folhagens.

As frutas do frondoso jambolão, na entrada, pintam as estreitas calçadas, mobilizando a equipe de limpeza. Mas nunca alguém pensou em cortá-lo. Trata-se de uma atitude coerente, pois a Escola desenvolve o projeto socioambiental “O mundo passado a limpo”, que reúne todas as áreas de estudos em todos os níveis de ensino por meio





Você não se enganou de endereço.
Não se trata de um parque
urbano com vista para o Guaíba.
É mesmo uma escola.

de projetos interdisciplinares.

Assim, as frutinhas roxas acabam virando matéria prima para as receitas de geleia que a nutricionista ensina às crianças nas aulas de culinária destinadas a desenvolver hábitos alimentares saudáveis.

Ao ultrapassar o portão à direita, um pouco antes das quadras esportivas, uma montanha de lixo seco poderá ser avistada. Não se assuste. É o recolhimento dos recicláveis que são reaproveitados nos trabalhos escolares e fazem parte de ações de conscientização dos estudantes. Repare, à esquerda, o “Cantinho da Bicharada”. Ali vivem em harmonia muitas espécies: ganso, pato, marreco, pomba, coelho, porquinho da índia, periquito e tartaruga, a maioria deles doados. O Cantinho segue todas as orientações legais de criação em cativeiro e os animais recebem alimentação e cuidados veterinários adequados.

Em contato com os bichos, meninos e meninas têm lições de afeto, de biologia e de preservação. Até “aulas de solidariedade” eles oferecem à gurizada. É o caso da

convivência respeitosa entre as espécies ou das histórias de amizades incondicionais, como a de um marreco muito velho adotado por um pato. O “vovozinho” ganhou, inclusive, fisioterapia na pata por parte do tratador, com a ajuda das crianças.

Os maiores fãs do “Cantinho da Bicharada” são os alunos do prédio vizinho, que abriga a Educação Infantil. Ao entrar nesse espaço, esqueça qualquer modelo convencional de sala de aula. Em algumas delas, os pequenos utilizam um escorregador, ao invés de porta, para chegar aos pátios internos, onde é possível se molhar, pintar as paredes, escalar árvores e habitar uma espécie de casinha do Tarzan. Camarins, recantos com fantasias e salas-cenários fazem parte do cotidiano da Educação Infantil criando novas histórias e contextos de aprendizagens. Uma pode reproduzir os mistérios do mar, outra o mundo alado dos aviões, uma terceira, o habitat das florestas. E algumas, ainda, já abrigaram o reino das pedras, das estalactites, e das cavernas, bem como o universo dos contos de fadas, com seus palácios, reis, príncipes, princesas e lobos. No caso, o lobo não era mau. Pelo contrário, virou mascote da turma, assim como o esqueleto Neimar, emprestado pelo Laboratório de Ciências para habitar o interior do castelo.

JARDINS SUSPENSOS

Uma trilha florida de begônias, marias sem-vergonha, gerânios, cravinas e *tagets* plantados em artísticos vasos feitos com garrafas pet e em pneus pintados se estende pelo pátio. Sapatos floridos – como os da história de Mario Quintana – completam o projeto paisagístico idealizado pelos alunos e seus mestres, com a colaboração da turma da manutenção.

As alamedas ajardinadas sofrem uma metamorfose na horta. No território das verduras, dos legumes e dos temperos, as pets – descartadas pela população – são materiais de primeiras necessidade. Agrupadas, elas demarcam um caminho interno de acesso e protegem o terreno da erosão, além de formar barreiras nos canteiros para



O Laboratório de Ciências é a casa do Neimar

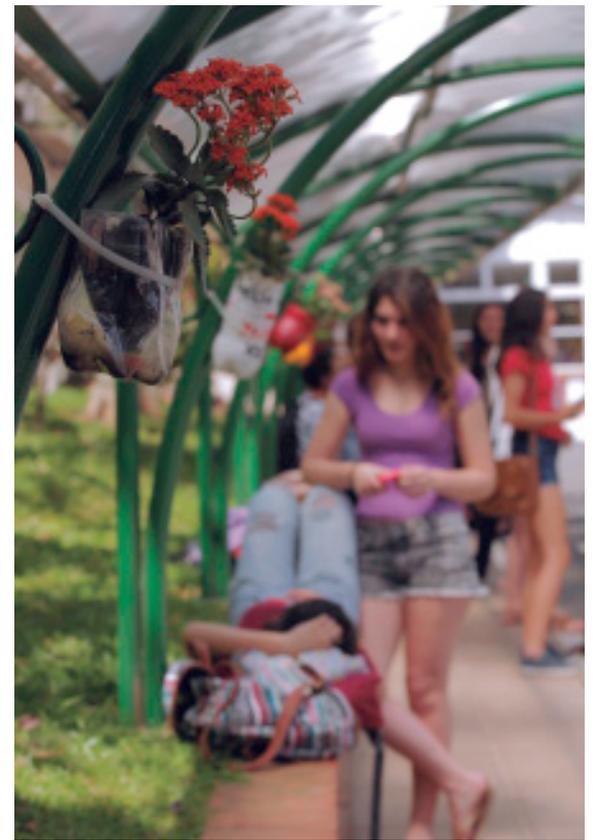




No João, "o brincar" é prazer e desafio. É confiança, criação, meio de dominar angústias e frustrações, simbolizar, representar e aprender. Assim, através de diferentes formas de brincar, de conhecer o mundo e de ser conhecido por ele, os pequenos podem viver sua infância, partilhando e criando possibilidades lúdicas, quer sozinhos quer com crianças de várias idades, com adultos, com seres e elementos da natureza e com brinquedos.









Às vezes, o João vira um mundo de fantasia

impedir a entrada dos graciosos mas daninhos intrusos: os gatos da vizinhança. Camaleões da reciclagem, as pets também abrigam jardins suspensos que conduzem ao centro do pátio.

Nos intervalos de aula, trocas de turnos e no recreio, os alunos formam grupos originais. Durante os meses de inverno, por exemplo, alguns levam cobertores coloridos, enquanto “lagarteiam” ao sol acomodados nos bancos. No verão, as crianças pequenas podem ser vistas em trajes de praia, depois de brincarem com a mangueira no “pátio molhado”. Um menino enrolado na sua capa de

mágico ou uma pequena princesa com a mochila pendurada não são incomuns, e os formandos do Ensino Médio, com bastante frequência, se apresentam vestindo criativos trajes temáticos, enquanto vendem sucos, doces, sanduíches e outros lanches com o objetivo de arrecadar fundos para a formatura.

Os prédios são baixos, e a maioria deles construídos com tijolos à vista. O mais antigo, localizado na Educação Infantil, é uma “brizoleta” – um dos últimos remanescente dos módulos de madeira negociados com o Estado nos anos 60. A simplicidade externa, porém, é desmentida no interior das salas de aula, a maioria delas informatizadas e climatizadas. As salas ambientes são um exemplo da concepção de ensino contextualizado e conectado com o mundo. Mais do que um espaço diferenciado, elas proporcionam a alunos e professores a prática da comunicação, da investigação e a da cooperação por meio de estratégias diversificadas em tempos e espaços, privilegiando tanto o trabalho individual quanto o encontro coletivo.

A estrutura também comporta laboratório de tecnologias, laboratório de ciências, centro de idiomas, salas de música e de arte. A Biblioteca, considerada o coração da Escola, é cheia de luz, e nas janelas pendem plantas que formam um cortinado verde. Tem, ainda, o famoso sofá amarelo, disputadíssimo pelos leitores.

No pátio central, uma espécie de tenda branca – o gazebo – é ponto de encontro da comunidade escolar, protegendo-a do frio e da chuva. A ala destinada aos armários para guardar as mochilas tem teto transparente e mesas de jogos. Nas proximidades, o Grêmio Estudantil possui seu próprio espaço.





As paredes
são galerias de
arte e diversos
recantos instigam
a imaginação, como
camarins, pistas
para carrinhos,
casinhas ou araras
com fantasias.

Vizinha ao gazebo, a Cantina oferece alimentação equilibrada e, como a Biblioteca, abriga mostras artísticas produzidas pelos alunos. A arte, aliás, está presente em todos os espaços do Colégio. Nessa área do pátio também acontecem os principais eventos pedagógicos do Colégio, como a Feira do Livro, o Festival de Música, a Mostra Cultural, os Seminários Filosóficos e encontros de estudos.

Fachadas cor de algodão doce com janelas e floreiras à imagem e semelhança de uma rua levam às salas de aula do 1º ao 5º ano. Para alguns, esta via urbana colorida lembra o lendário “El Caminito” de Buenos Aires. Mas a criatividade não para por aí. Na parte externa do prédio existe uma misteriosa escada que não leva a lugar algum. Na verdade ela foi preservada após uma reforma, mas as crianças pintaram uma porta entreaberta no seu topo, transformando-a em um portal para a imaginação. Como se não bastasse, decoraram cada degrau com frases. Juntas elas formam um texto: “Fomos ver que destino a escada reserva...”, “...subindo lentamente cada degrau...”, “...ouvimos um barulho vindo de trás da parede...”. E se quiser saber o fim da história suba você mesmo todos os degraus.

Na parte interna do prédio dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, a surpresa continua. O espaço traduz, dentro e fora da sala de aula, a concepção de infância que envolve “o brincar”, a troca, a interação e a construção das aprendizagens. As paredes são galerias de arte, e diversos recantos instigam a imaginação, como camarins, pequenas estradas, pistas para carrinhos, casinhas e araras com fantasias.

Na casa do João é permitido jogar bola na sala, ou melhor, no Ginásio, onde os visitantes são recebidos quando acontecem os encontros da comunidade escolar, como a





Mostra de Curtas e as formaturas. Isso sem falar nas práticas esportivas, principal razão da existência do Ginásio Esportivo que, recém reformado, ganhou um piso de última geração. Mas o Ginásio não é o único local de esportes na casa do João, existem várias quadras, inclusive o famoso Campão, bem ao fundo do terreno que, com sua grama sintética, é o predileto da gurizada.

E tem, ainda, a Quadra de Piche, território demarcado dos adolescentes. Lá os formandos fazem o ensaio para a Festa dos Bixos. Mesmo antes de prestarem Vestibular, eles se reúnem se pintam de arco-íris. Assim iluminados por todas as cores, despedem-se do João que, para a grande maioria, foi um companheiro desde o tempo das fraldas ou, pelo menos, desde a época dos dentes de leite. O legado de “liberdade com responsabilidade” os acompanhará pela vida afora.







CURRICULUM VITAE

CARACTERÍSTICAS

O Colégio João XXIII é uma escola comunitária administrada pela Fundação Educacional João XXIII, que tem sua diretoria e Conselho Deliberante compostos por pais e mães de alunos. O projeto político-pedagógico – da Classe-Bebê ao Ensino Médio – é conduzido pela diretora geral do Instituto, sua vice-diretora, a supervisora geral, as coordenadoras pedagógicas, as orientadoras educacionais e a psicóloga. A gestão é democrática, com representações dos docentes – organizados na Associação dos Professores do Colégio João XXIII (APJ) e estudantes, por meio do Grêmio Estudantil do João XXIII (GEJ) e Conselho dos Alunos (CA). O Colégio foi fundado em 23 de agosto de 1964, por quatro educadores: Zilah Totta, Frederico Lamachia Filho, Lilia Rodrigues Alves e Leda Falcão de Freitas.

LOCALIZAÇÃO

A Escola se localiza em uma área ecologicamente preservada de 25.000 metros quadrados na Rua Sepé Tiaraju, 1013, bairro Medianeira, Porto Alegre (RS). A opção pelo terreno que abrigaria a sede do João XXIII recaiu em uma zona da ci-

dade pouco desenvolvida, em um local próximo a uma região carente que poderia se beneficiar com a instalação de uma escola comunitária. O Colégio passou a ser uma mola propulsora do desenvolvimento do bairro. A Prefeitura, logo no primeiro mês, já providenciou o calçamento da área e a iluminação pública, melhorando, assim, as condições de vida dos moradores.

- Alunos: 1.100
- Professores: 92
- Funcionários: 99
- Estagiários: 12

ESTRUTURA

- Salas-Ambiente (salas de aula) a maioria climatizadas e com recursos tecnológicos
- Quadras Poliesportivas
- Campo de futebol com grama sintética
- Ginásio com piso de poliuretano antiderrapante
- Laboratórios de Ciências e Informática e Tecnologias
- Bibliotecas
- Pátios Pedagógicos

ORGANIZAÇÃO DAS ETAPAS DE ENSINO

O desenvolvimento humano não acontece de forma linear e fragmentada, mas na singularidade da infância, da adolescência e de outras temporalidades humanas.



SEGURANÇA

Estacionamento interno com controle de acesso. Transporte escolar com área reservada no pátio interno da Escola. Serviço de segurança próprio – comunicação por rádios, telefones móveis e monitores volantes. Circuito interno de câmeras. Uniforme obrigatório até o 9º ano. Funcionários uniformizados e identificados. Sala para primeiros socorro e emergência médica conveniada.

FILANTROPIA E PROJETOS SOCIAIS

- **Serviço Comunitário (Secom)** – A ideia de criar um serviço comunitário surgiu nos anos 70, quando os alunos fizeram uma pesquisa entre os moradores do entorno para verificar seu grau de instrução e suas necessidades.
- **Centro de Desenvolvimento Contínuo em Educação (Cetrein)** – É um centro que promove capacitação e formação continuada para os profissionais em educação, atendendo à comunidade interna e externa. Entre os

O objetivo era oferecer cursos profissionalizantes para oportunizar-lhes uma fonte de renda. Em 1980 instalou-se oficialmente o Serviço Comunitário (Secom), com a finalidade de coordenar o trabalho voltado à comunidade. Em 1981, Mercedes Widholzer – a Dona Mercedes, vó da Escola – tornou-se coordenadora voluntária do Secom, que beneficia anualmente em torno de 150 pessoas. A Fundação disponibiliza equipamentos e materiais para esses cursos, realizados no próprio espaço da Escola.

MAPA DAS SALAS



vários cursos, palestras e encontros oferecidos, destaca-se a Capacitação Específica para Educadores Assistentes, com 100 horas de aulas teóricas e uma prática pedagógica de 20 horas, com supervisão da coordenadora do Centro. As alunas são educadoras assistentes da Educação Infantil e trabalham em instituições particulares, municipais e comunitárias. A formação é multidisciplinar, envolvendo a partilha, o debate das experiências vividas mediados pelas orientações técnicas dos profissionais do João. O curso enfatiza que cuidar e educar crianças pequenas é indissociável.

- **Creche Boa Esperança e Núcleo São José** – A Instituição atende crianças e adolescentes. A Creche e o Núcleo recebem apoio integral. Anualmente são organizadas campanhas com ações promovidas pelo “João Solidário” envolvendo pais e alunos da Escola na busca da promoção humana e social daquela população e sua comunidade.
- **Bolsas de Estudos** – desde 2002, a Fundação Educacional João XXIII, mantenedora do Colégio, distribui bolsas de estudos a alunos carentes. Atualmente 153 estudantes são beneficiados.

RECONHECIMENTOS

- Certificado de Responsabilidade Social da Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul (2001 a 2014)
- Prêmio de Responsabilidade Social da Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul (2006 a 2008) – única escola particular bi-campeã
- Selo Escola Solidária, concedido pelo Instituto Faça Parte, da Secretaria de Educação do Rio Grande do Sul desde 2003
- III Salão UFRGS Jovem 2008 (1 Menção Honrosa e 1 Prêmio Destaque)
- IV Salão UFRGS Jovem 2009 (3 Destaques e 1 Menção Honrosa)
- V Salão UFRGS Jovem 2010 (4 Menções Honrosas)
- VI Salão UFRGS Jovem 2011 (1 Destaque e 5 Menções Honrosas)
- VII Salão UFRGS Jovem 2012 (7 Destaques e 1 Menção Honrosa)
- VIII Salão UFRGS Jovem 2013 (3 Destaques e 1 Menção Honrosa)
- Programa pelo direito de ser criança, categoria “Aqui se brinca Aqui se aprende pela Experiência” – Melhor Escola de Educação Infantil do Brasil – concedido pela OMO/Unilever e Instituto Sidarta (2011)
- Prêmio Educação para o Trânsito, concedido pela Empresa Pública de Transporte e Circulação – EPTC (2012)
- Prêmio Educação, concedido pelo Sindicato dos Estabelecimentos do Ensino Privado

(Sinepe) 3º lugar – com o trabalho “A identidade do 5º ano em uma abordagem multirreferencial no currículo de nove anos do Ensino Fundamental” (2012)

- Prêmio Inovação em Educação, concedido pelo Sindicato das Escolas Privadas (Sinepe) Medalha de Bronze – pelo Projeto 9 anos do Ensino fundamental (2012)
- 2º Prêmio RBS de Educação – Incentivo à Leitura – categoria Escola Particular do Rio Grande do Sul, concedido pela Rede Brasil Sul de Comunicação – com o projeto de Literatura “As duas metades de cada um” (2014)
- Prêmio FALA (Formando Adolescentes na Luta Antiviolência), concedido pelo Memorial do Judiciário do Rio Grande do Sul - Videoclipe “Eu na Rede” (2014)

ASSOCIAÇÕES

- APJ - Associação dos Professores do João XXIII
- GEJ - Grêmio Estudantil
- CA - Conselho dos Alunos



VISITA INESPERADA

Meados dos anos 60, outono.

Uma visita inesperada chegou ao refúgio da secretária de Educação do Rio Grande do Sul, Zilah Totta, que passava o fim de semana na chácara de uma irmã, no bairro Ponta Grossa, situado na zona sul de Porto Alegre. Colega de profissão, assessor e confidente dos seus sonhos profissionais, Frederico Lamachia tinha uma expressão serena, como de costume. Apesar disso, sua mera presença ali representava um sinal de alerta naqueles tempos de turbulência política.

– Vim te trazer duas notícias: uma má e outra boa, anunciou.

Ela nada disse. Apenas esperou, porque não era mulher de se assustar com facilidade. Firme na defesa de seus ideais, tinha a língua afiada e não se rendia perante ordens, aceitando apenas discutir argumentos. Brincando, os amigos costumavam dizer que sua coragem era inversamente proporcional ao corpo franzino. Por sua vez, Lamachia nunca foi homem de fazer alarde. Ao contrário. A discrição sempre marcava seus atos. Tomou fôlego e prosseguiu com a mesma voz calma:

– A má notícia é que foste demitida. A boa é que vamos finalmente construir a escola dos nossos sonhos.



PARTO DE RISCO

No ano de 1964 os Beatles viravam febre juvenil, a música Garota de Ipanema liderava as paradas de sucesso no rádio, norte-americanos e russos disputavam quem chegaria primeiro à Lua, 007 era o galã nº 1 do cinema, partidários do apartheid prendiam Nelson Mandela por defender os direitos dos negros na África do Sul, os Estados Unidos bombardeavam o Vietnã, o movimento hippie clamava por paz e amor e as Forças Armadas Nacionais depunham o presidente eleito João Goulart, instituindo a ditadura no Brasil.

Exatamente no dia em que oficialmente seria decretado o Golpe Militar - 31 de março- o João foi concebido, nascendo após uma gestação de cinco meses, em 23 de agosto. Foi um parto de risco, pois desde o seu primeiro dia de vida transgrediu a matriz educacional imposta pelos generais.

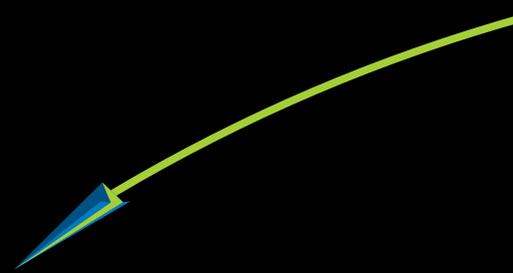
Teve três mães e um pai. Zilah Totta, ex-secretária de Educação do Estado, era uma respeitável educadora com grande capacidade de liderança e defensora da educação libertadora. Ex-secretária de Educação, havia alardeado aos quatro ventos que não iria tolerar interferências retrógradas de seus superiores e, por isso, fora demitida do cargo.

Frederico Lamachia Filho, colega de Zilah na Secretaria, teve seu





O João nasceu em tempos sombrios quando a repressão ameaçava a liberdade.



destino selado ao nascer dentro de uma sala de aula, porque sua mãe era filha de uma servente escolar e encontrava-se junto dela quando entrou em trabalho de parto. Ele partilhava das ideias de Zilah e demitiu-se em solidariedade à amiga. Sua habitual ponderação garantia um fio terra para o projeto.

Lília Rodrigues, na época, era diretora de outra instituição de ensino, o Colégio Pio XXII, mas a proposta de construir uma escola à imagem e semelhança dos seus sonhos funcionou como um canto de sereia. Aceitou o desafio sem vacilar. Levou consigo sua fiel assessora Leda de Freitas Falcão, uma professora de música que inoculou a proposta com o vírus da arte e compôs a canção da Escola.

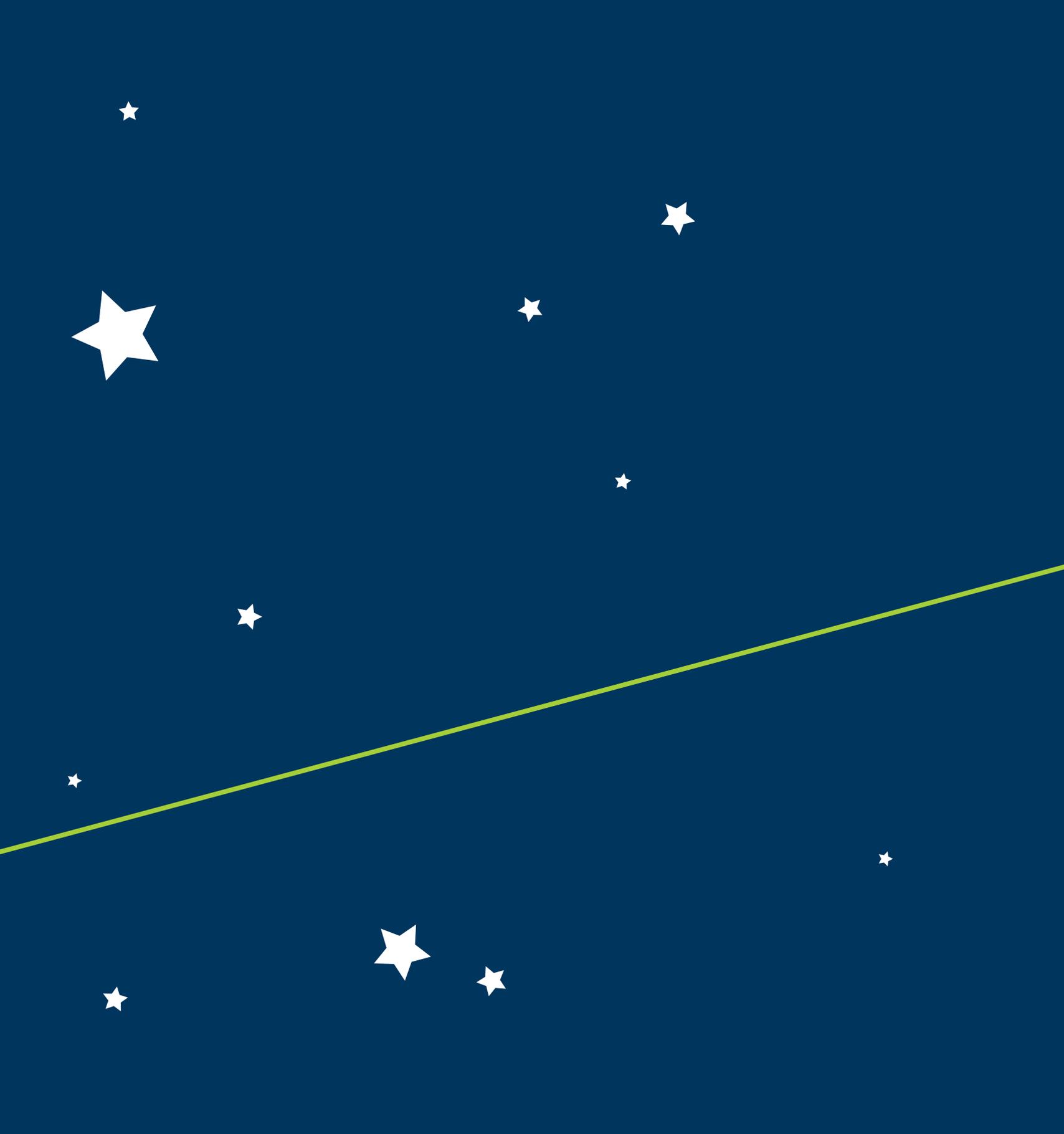
Transformar um sonho em realidade já é uma tarefa desafiadora. Mas tornou-se ainda mais difícil concretizá-lo naqueles tempos sombrios, quando pensar era crime. Assim, o João já nasceu rebelde, trazendo a liberdade e a consciência crítica no seu DNA. Nas duas próximas décadas, ele se desenvolveria em meio a violações do Estado de Direito, prisões, torturas, sequestros, desaparecimento e morte dos opositores ao regime ditatorial. E com um agravante: a educação tecnicista promoveu a chamada Reforma do Ensino e assinou o acordo MEC-Usaid, capaz de escancarar as portas para a intervenção norte-americana no sistema de ensino brasileiro.

Convictos do seu projeto, os fundadores costumavam brincar: “O João é o melhor filho do Golpe”. E Zilah acrescentava sem falsa modéstia, como era seu costume: “Nós não fundamos um colégio, mas uma obra em educação”.



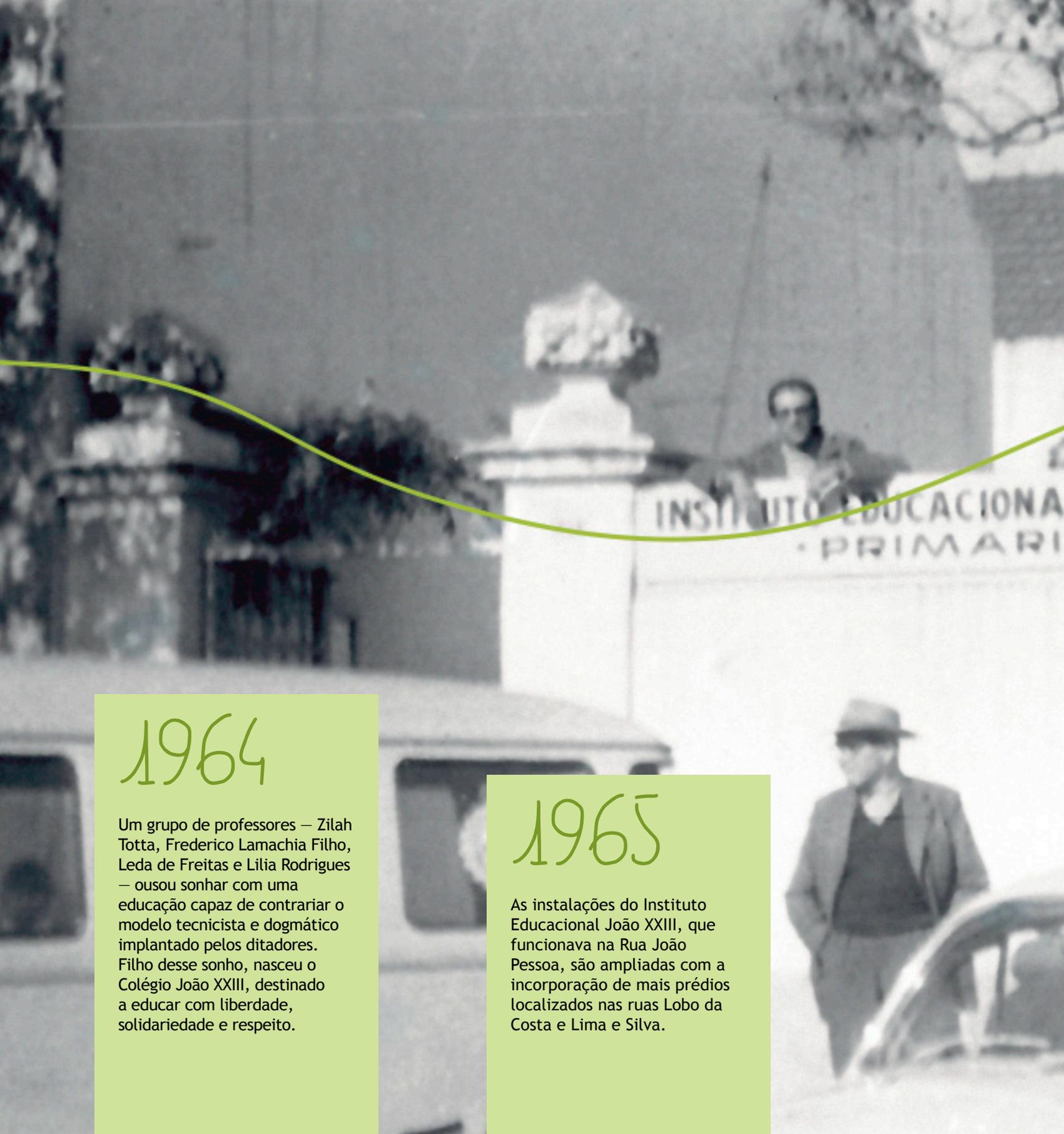


*As três mães e o pai do João:
Lília, Zilah, Leda e Lamachia.*





NO MEIO DO CAMINHO TINHA UMA PEDRA
e nela estava escrito: "Aqui é permitido errar".

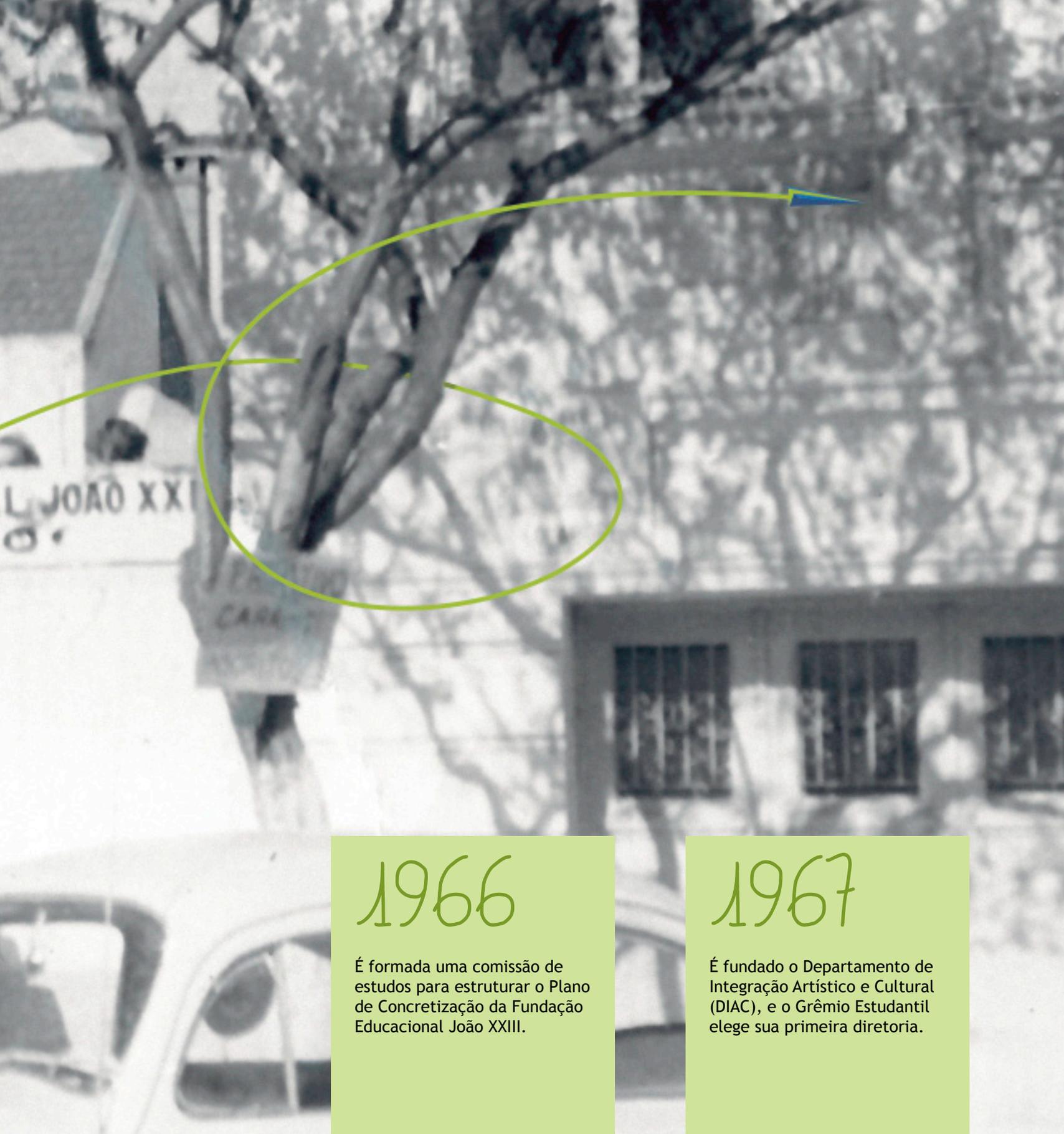


1964

Um grupo de professores — Zilah Totta, Frederico Lamachia Filho, Leda de Freitas e Lilia Rodrigues — ousou sonhar com uma educação capaz de contrariar o modelo tecnicista e dogmático implantado pelos ditadores. Filho desse sonho, nasceu o Colégio João XXIII, destinado a educar com liberdade, solidariedade e respeito.

1965

As instalações do Instituto Educacional João XXIII, que funcionava na Rua João Pessoa, são ampliadas com a incorporação de mais prédios localizados nas ruas Lobo da Costa e Lima e Silva.



1966

É formada uma comissão de estudos para estruturar o Plano de Concretização da Fundação Educacional João XXIII.

1967

É fundado o Departamento de Integração Artístico e Cultural (DIAC), e o Grêmio Estudantil elege sua primeira diretoria.

*O prazer do recreio sempre
foi o mesmo das aulas.*





É PERMITIDO ERRAR



Uma frase singular foi gravada na pedra que ficava logo na entrada da Escola: “Aqui é permitido errar”. O sentido da palavra “errar” ia muito além do literal, queria dizer aqui se pensa, se experimenta, se cria. Assim se aprende. Assim se nasce e renasce todos os dias. E assim nasceu a primeira escola comunitária de Porto Alegre: o Instituto Educacional João XXIII.

Bem antes da pedra e da casa própria, o João começou seus dias em um antigo casarão situado na avenida João Pessoa, número 1.391, próximo ao posto de Saúde Modelo. Na época, o projeto da Escola estava pronto, mas os fundadores não tinham ideia de como viabilizá-lo do ponto de vista econômico. Um dos irmãos de Lamachia colaborou cedendo um imóvel próprio.

A PEDAGOGIA

Para fundar a Escola, os quatro educadores aproveitaram uma pequena brecha aberta pelo Ministério da Educação, que estimulava a criação de classes experimentais, alardeando que o Brasil teria, enfim, uma população educada.

Era uma estratégia audaciosa, pois a proposta pedagógica do João XXIII andava na contramão da educação preconizada pelos generais. Enquanto a nova ordem educava para formar mão de obra para o País e sufocar a consciência crítica, o quarteto trabalhava guiado por Jean Piaget, Paulo Freire e Carl Rogers.

Apesar de todos serem educadores experientes, Lilia foi designada para participar de um curso de pós graduação na Universidade de São Paulo (USP), tendo frequentado também o projeto “Formar Educadores para trabalhar na evolução da educação na América Latina”, promovido pela Organização das Nações Unidas para Educação, a

Ciência e a Cultura (Unesco). Na ocasião, estudou profundamente as ideias do mestre Jean Piaget e da educadora Hilda Taba, que defendia as relações democráticas dentro da escola e um currículo educacional capaz de ensinar os alunos a pensar em vez de simplesmente inocular conceitos, dados e fatos. De lá trouxe subsídios para a costura de uma escola capaz de aliar a teoria à prática. Uma escola assumidamente “diferente”.

O Concílio Vaticano II – encíclica “Mater et Magister” – teve forte influência na construção da proposta, a ponto de a Escola recém nascida ser batizada com o nome do seu autor, o Papa João XXIII, chamado “o renovador”. Falecido um ano antes, ele era considerado o papa da paz e pregava o espírito ecumênico do cristianismo. A despeito da homenagem, o João sempre foi um colégio laico, que reconhece e acolhe a pluralidade de crenças e escolhas religiosas.

A educação do João quebrou alguns paradigmas da escola tradicional, implantando uma nova arquitetura de ensino baseada nas etapas do desenvolvimento do aluno a partir das concepções de Jean Piaget. Desde o início, o Colégio superou visões tecnicistas de ensino-aprendizagem, resignificando o sentido dos conteúdos e das práticas curriculares.

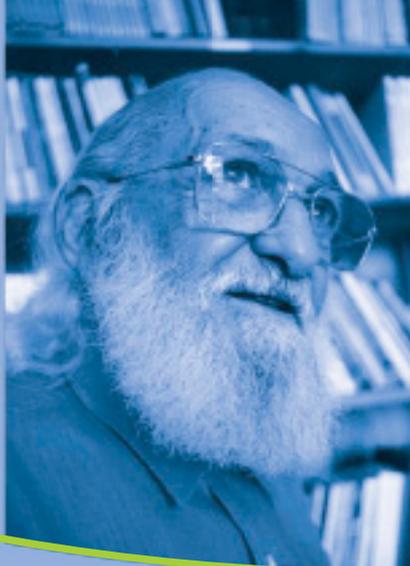
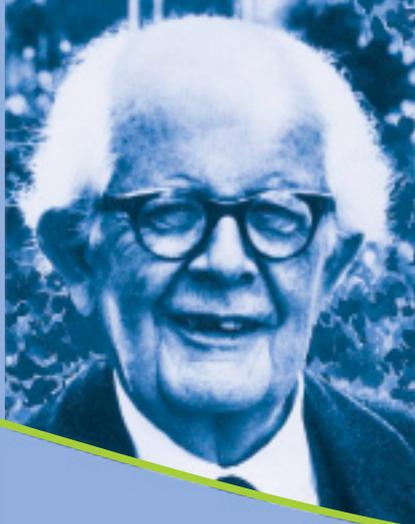
“A aprovação dessa proposta em uma estrutura arcaica, que pensava a educação lá do século XVIII, não foi nada fácil”, lembra a ex-diretora Lilia Alves, referindo-se à saga da liberação do currículo junto aos órgãos responsáveis pela educação no País. Ela brinca – mas diz a verdade – quando fala que o João XXIII tinha um currículo invisível nos planos de aula oficiais, mas rigorosamente respeitado nos planejamentos e práticas pedagógicas internas.

Essa visão de educação foi traduzida de modo ingênuo pelo pipoqueiro Bertolino, que na época trabalhava no João e, como toda a comunidade, era ouvido nos debates. Quando lhe perguntaram a respeito do tema, ele deu a sua opinião “Eu não sei. Nunca estudei. Minha escola é a vida. Tudo o que aprendi foi na escola da vida”. Era isso. A educação teria a vida como base, começo, meio e fim.

Assim, desde o princípio, os conteúdos não têm um fim em si mesmos, mas são vistos como um meio para desenvolver formas próprias de pensar e sentir, ser e conviver, cons-



O pipoqueiro Bertolino era amigo dos alunos e participava da comunidade escolar.



OS INSPIRADORES

JEAN PIAGET
(1896-1989)

Foi o precursor da epistemologia genética, teoria do conhecimento com base na gênese do pensamento humano. Sua contribuição à educação envolve as seguintes ideias:

- Visualiza o alunos como sujeito do processo educativo;
- A aprendizagem depende do estágio de desenvolvimento e das competências do indivíduo no estágio em que se encontra;
- Aprender significa assimilar os objetivos do conhecimento, através da interação com o meio e esquemas mentais anteriores, em um processo de reequilíbrio permanente.

PAULO FREIRE
(1921-1997)

Foi defensor da Pedagogia Crítica e de que a escola deverá ensinar o aluno a ler o mundo para transformá-lo. Sua contribuição à educação pode ser traduzida por algumas frases-conceito como:

- “A aprendizagem é um ato conjunto entre educando e educador.”
- “Aprender a desenvolver a consciência crítica e a liberdade é assumir o desenvolvimento das humanidades próprias.”
- “Construir-se como pessoa e transformar o mundo é estabelecer com os homens relações de reciprocidade, fazer a cultura e a história”

CARL ROGERS
(1902-1987)

Desenvolveu estudos sobre a teoria da personalidade, defendendo uma visão otimista do homem como um dos propósitos da corrente humanista. Sua contribuição à educação se traduz nos seguintes conceitos:

- O organismo humano possui uma tendência à atualização, que tem como fim a autonomia - força motriz dos seres vivos.
- O processo constante de abertura a novas experiências, a confiança em si próprio, a liberdade e a responsabilidade de agir e criar fazem parte de um processo educativo e humanista.

PRINCÍPIOS



Conceber a alteridade/ diversidade no fazer-se humano

Conceber o fenômeno educativo como totalidade

Conceber a cognição como processo dialógico

Conceber o processo educativo como transdisciplinaridade

Conceber o processo educativo como autopoiesis

Conceber o currículo como emergência

Inseparabilidade entre ser, fazer, conhecer, falar

Produzido na interação social

O observador pensa sobre o seu pensar, numa atitude metacognitiva

Emerge na vida, sempre se reorganizando

Contruir uma identidade Planetária

No estudante, no educador e na família

Parte do todo às partes (Paradigma Sistêmico)

A pessoa aprende por inteiro, e não por partes

Integra no todo, as partes

Sujeito estudante

O conhecimento se dá em rede

Rompe a barreira das disciplinas

Sujeito educador

Supera a lógica binária, adotando a racionalidade transversal

Sujeito família

Autoaprendizagem e vivências coletivas da aprendizagem

A ênfase na conversação

O conhecimento como autoprodução



tituindo-se em um instrumento para a compreensão da realidade. A Escola sempre defendeu uma visão de currículo apresentada na Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI, coordenada por Jacques Delors, em 1998. As teses desse importante documento estabeleceram os quatro pilares da educação contemporânea, presentes na abordagem curricular do João XXIII: aprender a ser, a fazer, a viver juntos e a conhecer”.

Nessa perspectiva, surgiu a Proposta Pedagógica original, embasada no diálogo com novos teóricos e teorias educacionais, bem como na realidade e nas transformações da sociedade, cada vez mais caracterizada pela complexidade, pela liquidez das relações, pela velocidade das inovações e pela percepção de infinitas possibilidades. Transitando entre o legado da modernidade e os paradigmas pós-modernos, a Escola possibilita repensar a condição humana, o conhecimento e a co-existência, a partir de uma identidade complexa, plural, cosmopolita e planetária.

Pensadores como Zygmunt Baumann (1925), Edgar Morin (1921), Humberto Maturana (1928), Philippe Perrenoud (1955), Lev Semenovitch Vygotsky (1896-1934), Emmanuel Levinas (1906-1995) e Henri Wallon (1879-1962) embasam as reflexões e os estudos do corpo técnico-pedagógico, no sentido de que a Proposta Pedagógica do João XXIII se construa no presente, projetando-se no e para o futuro. Nessa trajetória, o Colégio mantém a essência dos princípios filosóficos de sua fundação, ao mesmo tempo em que acompanha a evolução e as necessidades da sociedade pós moderna, articulados a um projeto de educação humanista e sócio-interacionista.

A COMUNIDADE

Criatividade e coragem, essas duas qualidades nortearam a escolha dos profissionais convidados para abraçar a causa. Todos os envolvidos – professores e funcionários – eram considerados educadores e, por isso, participavam juntos de atividades fundamentais para a organização da Escola.

A tarefa de arrecadar fundos envolvia a comunidade inteira. As feijoadas, por exemplo, tornaram-se uma tradição. E eram tão saborosas que um dia quiseram saber o segredo com a cozinheira. Ela não vacilou ao fornecer a receita: “É um feijão cibernético”. A pa-

*A primeira casa do João
foi na Av. João Pessoa.*





O corredor de ligação entre o colégio e o anexo (porta gradeada ao fundo), era um túnel na imaginação dos alunos.

lavra tinha sido debatida nas últimas reuniões, nas quais os funcionários ocupavam cadeira cativa. E, na explicação da quituteira, significava exatamente isso: a união de todos em torno de algo muito especial.

Sonho costurado, faltava o arremate da obra: os alunos. Como encontrar famílias interessadas em compartilhar esses mesmos ideais? Mais uma vez a criatividade entrou em pauta: um anúncio foi publicado nos jornais convidando pais interessados em participar da primeira escola comunitária do Rio Grande do Sul.

Um grupo de 80 pessoas atendeu ao apelo e compareceu na reunião. Na sua maioria, desempenhavam profissões ou viviam situações vistas com desconfiança pelo regime: artistas, músicos, escritores, profissionais liberais, pensadores, parentes de exilados, cassados e aprisionados. Eles queriam filhos de mentes abertas e livres para pensar, mesmo sabendo de todos os riscos.

Durante o primeiro encontro entre os pais e os mestres, o professor Procópio de Mello levantou uma questão que pautou o debate: “Que tipo de alunos queremos formar?” Muitas reflexões, controvérsias e discussões depois, veio a resposta: “O aluno do Colégio João XXIII será sujeitos da própria educação, desenvolvendo consciência crítica e sendo auxiliado para assumir seu papel frente aos princípios de liberdade, responsabilidade, solidariedade e trabalho”.

Com essa proposta límpida e cristalina, começou o ano letivo em 1º de setembro de 1964, com 115 estudantes matriculados no Jardim da Infância (hoje Educação Infantil). Nos anos seguintes, novas séries foram introduzidas, e o prédio da João Pessoa tornou-se pequeno, sendo necessário um novo espaço na Lima e Silva. Mas a população escolar continuou crescendo, e mais um anexo surgiu, desta vez na rua Lobo da Costa. Era ligado à sede original da João Pessoa pelo “túnel”. Na realidade, tratava-se de um longo corredor com duas portas separadas por um pequeno pátio. “Era a passagem que conectava o mundo dos pequenos com o dos grandes”, definiu Denise Aerts, aluna da turma de 1964 e, anos mais tarde, presidente da Fundação Mantenedora do João XXII na gestão de 1998 a 1999. Em 1974 o João já contava com 300 alunos.

O LEGADO DE ZILAH

A professora e mentora do Colégio João XXIII, Zilah Totta, tinha uma concepção filosófica da educação humanizadora adotada pela Escola, baseada nos seguintes valores:

RESPONSABILIDADE

Tomada de consciência progressiva do lugar, das funções, das responsabilidades, dos limites, num assumir pessoal e coletivo as “humanidades” a serem construídas. A escola busca ser o instrumento para “escolhas conscientes que levem ao estabelecimento de compromissos (...) nas relações interpessoais e com suas ações em geral”.

LIBERDADE

Possibilidade de expressão do ser e dos grupos, nunca dissociada da responsabilidade que sua vivência exige. Nessa liberdade, está presente a ideia de apresentar ao aluno objetivos claramente delineados, traçando pontos de partida sem padronizar ou determinar pontos de chegada, porque visualiza o desenvolvimento de sua autonomia, da possibilidade de adquirir e construir conhecimentos e valores morais e éticos. O Colégio João XXIII objetiva a vivência da liberdade “interior de ser, de estar, de querer e o favorecimento a opções e escolhas conscientes”.



Responsabilidade,
liberdade, trabalho e
solidariedade.

O legado de Zilah.

TRABALHO

Em sua origem, a escola privilegiava a educação para o trabalho porque o visualizava como um prolongamento da pessoa com fins de sobrevivência, realização e atuação no meio social, concebendo-o como gerador de felicidade pessoal nascida da contribuição efetiva na transformação da sociedade. Atualmente, esse significado expande-se em sua complexidade social frente à economia e à sociedade do conhecimento, marcada pela insegurança e pela instabilidade nas relações de trabalho, em que o desenvolvimento profissional, para além da formação técnica e instrumental, é um caminho pessoal rumo à integridade profissional, ao crescimento e à ética da coletividade.

SOLIDARIEDADE

Reconhecimento e valorização da diversidade e da independência entre as pessoas, enfatizando a dimensão de pertencimento a grupos locais e globais em um processo de interação humana, respeito e compreensão mútua. O Colégio João XXIII enfatiza a educação para a solidariedade “expressa no conviver, no criar e no transformar, já que, ao solidarizar-se, o homem se humaniza, diferencia-se e define-se como ser”.

Nesse sentido, a educação da Escola objetiva o desenvolvimento do aluno em sua complexidade e totalidade para que busque realização individual, sem deixar de assumir a sua tarefa de agente social transformador.





Educadores e familiares sempre participaram ativamente dos momentos importantes da vida escolar.



SERÁ INAUGURADA AMANHÃ A ESCOLA COMUNITÁRIA JOÃO XXIII

Contando com boas instalações à Avenida João Pessoa, 1.391, e sob a responsabilidade da professora Zilá Matos Totta, diretora técnica e professor Frederico Lamachia Filho, diretor administrativo, será inaugurada amanhã o Instituto Educacional João XXIII. O ato contará com uma missa comunitária oficiada no próprio prédio pelo bispo auxiliar de Porto Alegre, D. Edmundo Kunz e para a qual foram convidadas autoridades educacionais, pais de alunos já inscritos e amigos do instituto.

UMA ESCOLA COMUNITÁRIA

— Será uma Escola de sentido comunitário, tendo em vista a participação da família junto à administração da Escola e a sua inserção no planejamento de atividades, de modo a que possa o Instituto receber da comunidade, como agente educativo que é, a

cooperação indispensável para as tarefas que se propõe realizar, constituindo-se numa escola aberta a todos aqueles que a ela recorrerem e a todos os que se sentirem chamados a colaborar com sua participação efetiva numa obra comum — falou à esta fôlha a professora Zilá Totta, dando os primeiros detalhes do novo estabelecimento de ensino.

E continuou:

— A adequação das oportunidades educacionais será alcançada num currículo que reflita as realidades e idéias de uma sociedade em crescimento, que exija, por sua vez, no seu sentido democrático e cristão, uma permanente avaliação, a fim de que o ensino ministrado, através da integração de experiências de aprendizagem, sejam, efetivamente, um recurso instrumental, pelo qual a criança alcança sua auto-realização e ao mesmo tempo aprenda a contribuir para a construção de melhores comunidades.

Reconhecendo na Escola primária a pedra angular de todo o sistema educacional, e objetivando acompanhar o ritmo de crescimento dos alunos, dentro de uma continuidade e unidade de ensino, optaram os organizadores do Instituto Educacional João XXIII, pela instalação dos cursos: Maternal e Jardim de Infância, já no corrente ano e, a partir de 1965, no Curso Primário Integral.

OS DIFERENTES ÓRGÃOS DIRIGENTES

Concluindo sua rápida entrevista à Fôlha da Tarde, afirmou a professora Zilá Matos Totta:

— O Conselho de Pais que funcionará numa tarefa de assessoramento junto à Administração da Escola, o Conselho Técnico-Administrativo que supervisionará as tarefas de ordem didática, integrando-as na dinâmica da vida do estabelecimento. Serviços Comunitários, com vistas ao crescimento do aluno nas diferentes áreas de sua personalidade, como sejam, o Serviço de Orientação Educacional, Serviço de Orientação Religiosa, Serviço Médico-Dentário, Serviços Cooperativos de Integração Sócio-econômica e o Setor de Artes, para o qual dispõe o estabelecimento de local apropriado e especialmente para tal preparado, serão todos estes recursos, fatores de envolvimento das atividades que se desenvolverão no Instituto Educacional que acaba de ser criado e autorizado pelo Conselho Estadual de Educação.



Desde o início, “pensar junto” foi marca registrada do João.

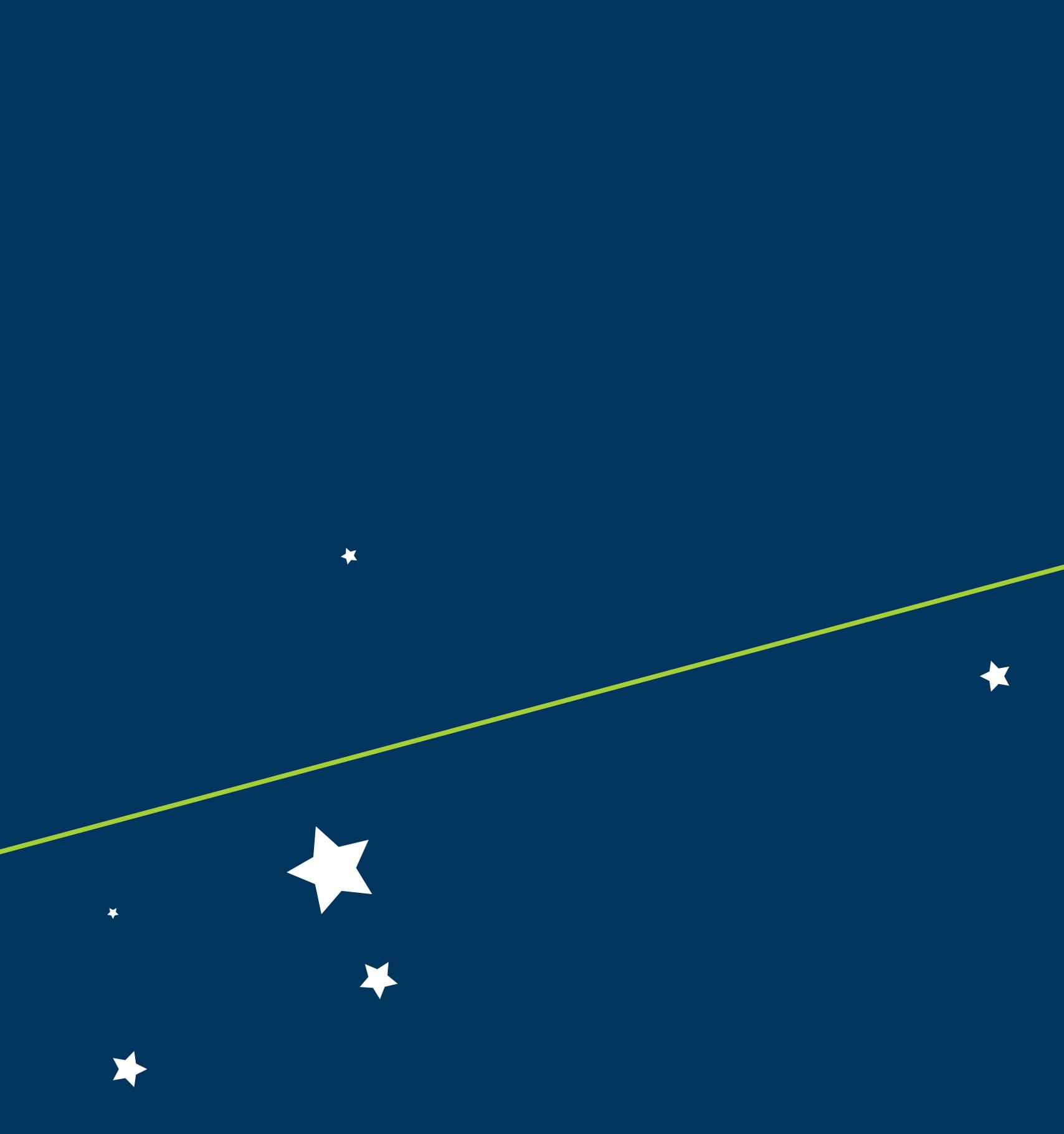




“ÉRAMOS LOUCOS”

Quando recorda o nascimento do João, Lilia Rodrigues Alves balança a cabeça com suavidade e sorri. O olhar sai de foco, torna-se sonhador, distraído, saudoso. Submerge na lembrança. “Fazer o que fizemos naquela época, quando todo mundo estava sendo demitido, exilado...estou convencida que nós éramos loucos”. Mas o momento de imersão no sonho passa e dá lugar ao relato objetivo, metucioso e por vezes divertido de uma legítima biógrafa.

“Estávamos sempre inventando coisas novas, desafiadoras, não desistíamos. Foi um parto para aprovar nosso registro na Secretaria de Educação”. Entretanto – faz questão de ressaltar – sempre havia uma base teórica e muita discussão como respaldo: “Não se brinca com a educação nem com a cabeça de uma criança”. Para Lilia, o João não é filho apenas dos seus fundadores, mas de todos os pais, mães, alunos, professores e funcionários que o criaram.





NO MEIO DO CAMINHO TINHA UM FUSCA
e ele virou uma Escola no alto de um morro.

1968

É criada a Fundação Educacional João XXIII, responsável pela administração financeira e manutenção do Colégio.

A equipe do João XXIII – Escluderia Joãozinho – vence a II Grande Gincana Ipiranga e ganha como prêmio um fusca, que seria rifado para financiar a compra do terreno que abrigaria a sede da Escola.

1969

Acontece a primeira formatura do curso ginásial do Colégio João XXIII.

1970

É comprado o terreno para a construção da sede da Escola no Alto Teresópolis, bairro Medianeira.



1971

É construída a sede do Colégio João XXIII, unindo os três núcleos da Escola (João Pessoa, Lobo da Costa e Lima e Silva) no novo endereço na rua Sepé Tiarajú, no Morro Primavera, bairro Medianeira.

1972

Acontece o primeiro Seminário de Pais da Escola. Driblando a ditadura, o Colégio dá prosseguimento à proposta de escola comunitária.



das tarefas

PROMOÇÃO
RADIO TV GAÚCHA ZERO HORA

se o trabalho da semana em dia, ou visitando a família da espósa em São Leopoldo, teve um domingo diferente.

— Sempre acompanho as Gincanas, mas nunca imaginei ser envolvido numa.

Perto do meio-dia chegou a Equipe Joãozinho com o General Riograndense da Costa e Silva com o Diploma e a Comenda. Ele costou, muito alegre, como foi que o descobriram:

Um dos componentes da equipe é meu amigo. Estive lá em casa pela manhã, pedindo nome de alguns amigos militares, mas não me disse a razão disto. Daí um nome, ele procurou mas a pessoa estava viajando. O amigo voltou, viu aí eu já sabia da história, e perguntei para que ele queria um militar. Meio relutante ele falou. Todos pensavam que tinha só uma, e eu apresentei a minha Comenda. É uma satisfação participar do espírito de esportividade dessas equipes.

Olanka, da Equipe Joãozinho quando soube que fizeram 1540 pontos, ficou tão nervosa, que angrenou o carro e passou direto, pela última meca dos cadetes. Depois não conseguiu manobrar.

A Equipe Luzio não se aborreceu por não conseguir mais do que 880 pontos. — O que queramos é promover o General São Luiz, fazer amigos, colaborar, divertirnos, e isto conseguimos. Enquanto as tarefas eram conferidas, era a equipe que tinha maior torcida.

Muitos ficaram por perto do Parque, após as 13 horas aguardando a divulgação dos primeiros classificados: cansados, mas com muita esperança. Os cadetes ficaram para apurar as colocações.



General Breno, colabora



EQUIPES

Das 10 às 13 horas os juizes não tiveram... Escuderia

IV GRANDE GINCANA IPIRANGA

PROMOÇÃO
RADIO TV GAÚCHA ZERO HORA

na tv, festa da equ EQUIPE JOÃOZINHO a vencedora

Entrega dos prêmios (Maverick para o 1.º) foi ontem



A foto da mostra tõe alegria da equipe Joãozinho, vencedora da Gincana. Isso foi só o fim da grand festa que vai contada nas próximas páginas com textos de Nicolau Chauí, Joyce Larronda, Ivandel Godinho e Telm Zanini. Fotos de Armênio Abascal, Gérson Schirmer, Galeno R...

es
co
— Cada...
é com orga...
do de equip...
dos profes...
dos amigos...
longamento...
cola. Todos...
ch...

o Nilo Cardoso (Diretor da Ipiranga) entrega...
à equipe Joãozinho



VENCEU GINCANA

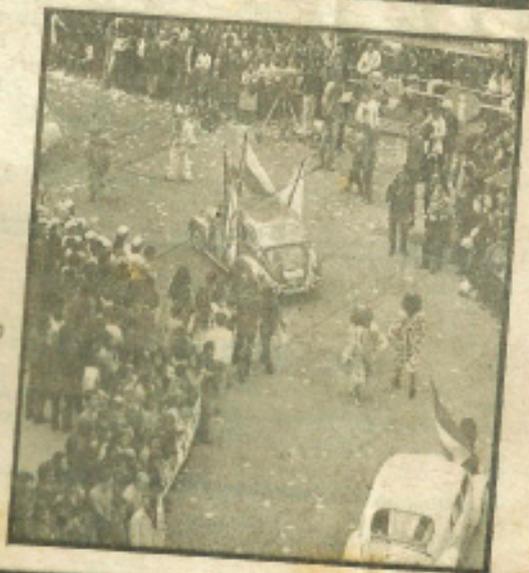
à noite na TV Gaúcha.

PÁGS. 23 e CENTRAL



gincana, de novo, um SUCESSO

file de abertura, no sábado (foto ao
itê o encerramento ontem à
te, na TV Gaúcha, com a entrega de
prêmios à vencedora, equipe
Joãozinho, a Quarta Grande Gincana
Ipiranga foi um sucesso total.
Para a cidade um fim-de-semana de
diversão e integração. PÁGINAS 45 a 49.



joãozinho já mostrando como se consegue 1540 pontos

vez mais nos convencemos que
nização que se vence: o senti-
a, e disponibilidade dos pais,
ões dos alunos, funcionários.
A Gincana foi para não um pro-
do que realizamos dentro da Es-
ajudam: O Vovô Comunitário, é
mpo o Sr. Pinto Diniz (tem três

gamos à uma hora da madrugada. Em 15 mi-
nutos deciframos o código, acordamos o
Gen. Plácido, do Colégio Militar Invadimos
a casa do Dep. Sérgio Iba Moreira, que
morou no mesmo prédio, para usar o telefo-
ne, (aqui vão nossas desculpas pela inva-
são), e entrar em contato com o Gen. Mar-
celo, que já estava entregando as bandei-
ras do Brasil Império e Reino Unido pa-
ra os Consequimos, finalmente, os



— O cartão de acesso ao Palácio dos
Dodões, Paulo Schmidt tinha em casa.
A placa não conseguimos. O porco-espi-
nho, uma aluna que estêve em Jolville par-
ticipando do Campeonato Brasileiro de Tê-
nis, lembrou que viu um no clube de lá: o
nis, lembrou que viu um no clube de lá: o
que nasceu no navio, era conhecida de um
dos pais: Itamariza, que recebeu este nome
em homenagem ao Navio Itaquera.
— O Ski, foi trazido de Garibaldi, cedido
pela Federação, através de um Frei co-



*O fusca ganhou na gincana foi
rifado e financiou o terreno
da nova sede.*



TODOS POR UM

Muito antes de a maçã mordida se ser estampada em computadores, a Grande Gincana Ipiranga – realizada em Porto Alegre nos anos 60 e 70 – já a adotava como marca. O evento movimentava a cidade, oferecendo carros como prêmio para quem conseguisse vencer as complexas tarefas. Além de promover rifas e jantares para arrecadar fundos, a comunidade do João resolveu disputar a gincana criando a Escuderia Joãozinho.

Com QG instalado no prédio da João Pessoa, pais, alunos, professores e funcionários mergulharam de cabeça na Gincana de 1968, mantendo plantões de 24 horas. A lei era “um por todos e todos por um”.

O esforço rendeu. Em meio a uma algazarra de vivas, apitos, tambores e papéis picados, a equipe subiu ao pódio para receber o lendário fusca zero quilômetro, que seria rifado para custear a sede própria da Escola. Nos anos seguintes o feito foi reprisado e mais dois automóveis – um Karman Ghia (1970) e um Maverik (1971) – também foram rifados para contribuir com melhorias no novo Colégio.

O terreno de 25.000 metros quadrados situado no alto do morro Primavera parecia, aparentemente, o pior das quatro áreas visitadas pelos

Em meio a uma algazarra de vivas, apitos, tambores e papéis picados, a Escuderia Joãozinho subiu ao pódio.

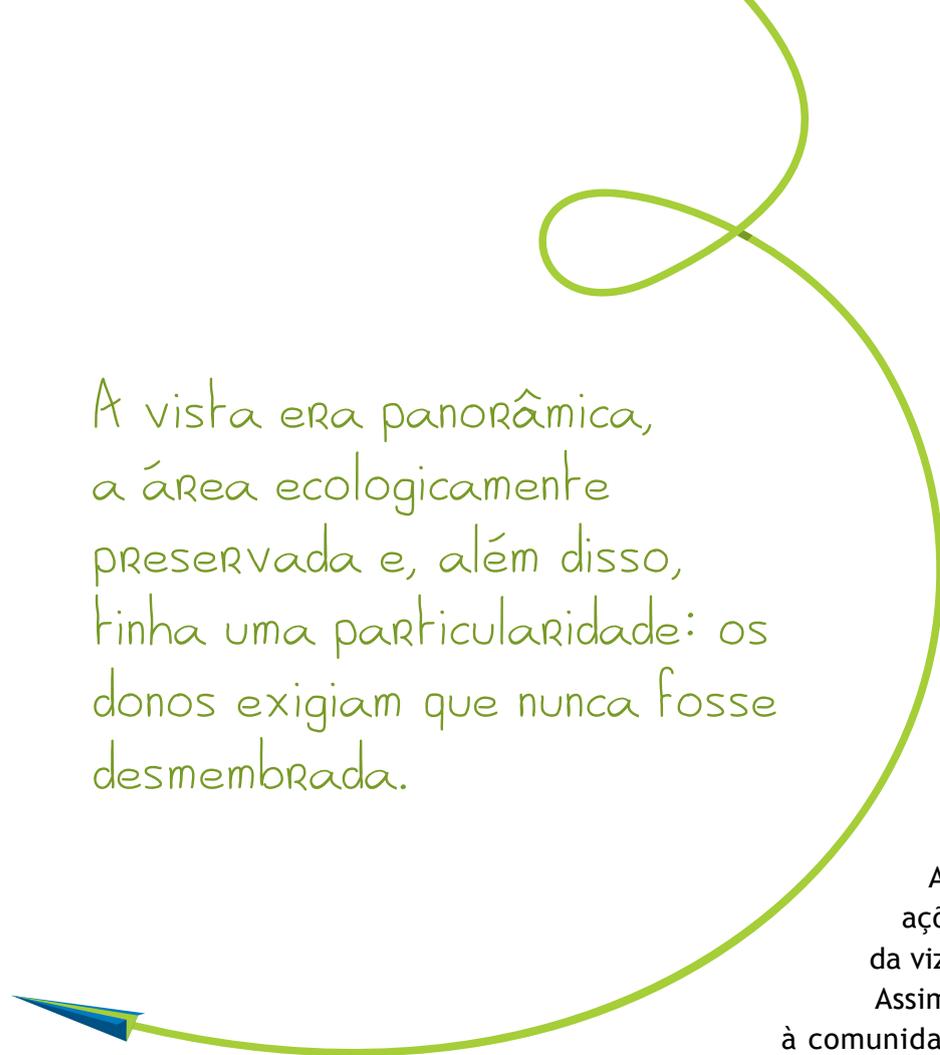




Lamachia e diretores da Fundação escolheram o terreno do Morro Primavera.



As "Brizoletas" foram os primeiros prédios.



A vista era panorâmica, a área ecologicamente preservada e, além disso, tinha uma particularidade: os donos exigiam que nunca fosse desmembrada.

fundadores. A lama cercava o lugar, com apenas uma via de acesso, próximo a uma vila economicamente carente. Mas a vista era panorâmica, a área ecologicamente preservada e, além disso, tinha uma particularidade: os donos exigiam que nunca fosse desmembrada. Pareceu perfeito para uma comunidade aberta aos desafios, comprometida com a preservação do Planeta e decidida a transformar a realidade. A Escola poderia interagir e organizar ações sociais capazes de melhorar a vida da vizinhança.

Assim foi. E uma das primeiras ações junto à comunidade foi o censo dos cães para vacinação realizado pelos alunos. Como o Colégio não tinha muros, as crianças da vizinhança passaram a brincar com os alunos na hora do recreio, e os pais montaram uma classe de Supletivo, lecionando para pessoas interessadas em continuar os estudos. A vida da comunidade também foi beneficiada pelo fato de a Prefeitura ter providenciado calçamento e iluminação pública para o bairro logo após a inauguração da Escola.

FRUTA NO PÉ

Os primeiros prédios do novo João eram singelas construções de madeira, cercados de árvores por todos os lados. Meninos e meninas penduravam-se nos galhos e colhiam fruta no pé, sob o olhar atento dos educadores. Ninguém se importava se os uniformes sujavam, mesmo sendo eles desenhados por um dos grandes estilistas locais, o costureiro Rui Sphor, um dos pais da comunidade. Com corte de alta costura, as blusas eram



Ainda em construção, a nova sede não era calçada e os alunos sujavam os elegantes uniformes.



brancas com *petit poá* vermelho, e as saias azuis exibiam um gracioso cinto, no caso das meninas. Para os meninos, o estilista preferiu a clássica combinação azul e branco na calça e na camisa. Com o passar do tempo, os uniformes foram mudando. Tornaram-se mais confortáveis.

Como um organismo vivo, a Escola também mudava, crescia e se atualizava. Os fundadores também tomaram novos rumos. Lamachia tornou-se Secretário de Educação do município. Zilah dedicou-se a lecionar na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (Pucrs) e, posteriormente, assumiu a presidência do Centro dos Professores do Estado do Rio Grande do Sul (Cpers), tornando-se uma das maiores líderes da história do magistério gaúcho. Lilia deixou o João em 1982, fiel a crença de quem ninguém deve se perpetuar em um cargo. “Hoje eu só assisto o Colégio brilhar. De longe a gente pode fazer muita coisa; porém interferir, nunca”, diz, falando da Escola como quem se refere a um filho adulto.





A nova Escola não tinha muros e os prédios eram de madeira.



Lamachia, Zilah e Leda (acima) e a professora Terezinha Neuenfeldt, a Tia Tê, acompanharam de perto a construção.

SENHOR ADMINISTRADOR

A Fundação Educacional João XXIII é administrada por um senhor de 46 anos. Nome: Conselho; sobrenome: Deliberante. Criatura singular, possui mais de 80 cabeças e 160 braços com mangas arregaçadas para realizar a tarefa de gerir o presente e tecer planos para o futuro da Instituição. Seu trabalho é voluntário.

Nascido em 1968, o Conselho Deliberante foi gerado quatro anos depois da criação da Escola. Até então, apesar da proposta pedagógica arrojada, juridicamente o João XXIII era apenas mais uma instituição de ensino particular. Mas, com o crescimento do número dos alunos, os fundadores sentiram dificuldade em conciliar a condução pedagógica e administrativa. Buscaram, então, uma forma democrática de gerenciar o João, seguindo um modelo de gestão nem sempre fácil e isento de conflitos.

Nos seus primeiros anos de vida, o Conselho era uma reunião de casais interessados em manter uma educação de qualidade para seus filhos. Estava bem próximo de uma Associação de Pais, com funções e poderes ampliados. Hoje, já maduro, tem seu trabalho exclusivamente focado na administração. “Se o João fosse um município, nós seríamos a Câmara dos Vereadores”, compara Afonso Mossry, ex-presidente e atual membro da diretoria do Conselho. Um dos grandes desafios é neutralizar os interesses pessoais e reforçar as tomadas de decisões capazes de privilegiar o coletivo.

“É compreensível que um pai ou uma mãe, no início, defendam o benefício imediato dos seus filhos. Mas, ao longo do trabalho, eles vão entendendo a necessidade de pensar além do tempo das nossas crianças, de planejar uma escola capaz de sobreviver e manter a qualidade no futuro”, explica Cristina Pozzobon, presidente da Fundação (gestão 2012-2015). “Temos o ônus e o bônus. Nossas decisões podem determinar longa vida ao João ou enterrá-lo”, complementa Elaine Anele, conselheira da 8ª série no ano de 2014, lembrando outras escolas com administração semelhante que acabaram fechando as portas.





Primeira escola comunitária do Estado, o João é administrado por um conselho de pais.

A plena compreensão do papel do Conselho se torna complexa devido ao tempo de mandato: dois anos. “Levamos pelo menos um ano para formar um conselheiro”, explica Cristina. Depois de escolhidos, os conselheiros precisam frequentar reuniões uma vez por mês.

Para presidir todo esse complexo processo, o Conselho conta com a Diretoria Executiva, composta por seis membros, cujas reuniões são semanais. O grupo acaba se tornando tão próximo que é comum vê-los reunidos pela manhã, na cantina, após deixarem os filhos na sala de aula. Nesses encontros, porém, é proibido falar sobre as deliberações. Ali, na frente dos cafés fumegantes, são apenas pais e mães trocando confidências sobre suas crianças ou jogando conversa fora, antes de enfrentarem a correria do dia a dia.



*Os presidentes são eleitos
pelos integrantes do
Conselho Deliberante.*



OS PRESIDENTES

1966	Aloysio Cechella Achutti
1967	Ruy Moraes Fagundes
1968	Leonidas Rangel Xausa
1969 - 1972	Fúlvio Araújo Santos
1973 - 1976	Luiz Adams
1977 - 1980	João Cláudio Chagas Coutinho
1981	Sérgio Pacheco Ruschel
1982 - 1984	Remígio José Boff
1985 - 1987	José Paulo Almeida
1988	Daryus Webem Turk
1989 - 1991	Renato Jorge Bicca de Bicca
1992	Léo Ricardo Penter
1993 - 1994	Mário Müller Martinez
1995 - 1996	Giancarlo Zanetello
1997	Ivan Luiz Caleffi
1998 - 1999	Denise Aerts
2000 - 2001	Rosani Alves Pereira
2002	Silvia Grimaldi Santos
2003	Vera Lúcia Piccoli de Mello
2004	Alfonso Barreiro Garcia
2005	Silvia Grimaldi Santos
2005 - 2007	Afonso Mossry Sperb
2008 - 2009	Frederico Roberto Vasconcellos Ritter
2010 - 2011	Felipe Ritter
2012 - 2015	Cristina Toniolo Pozzobon

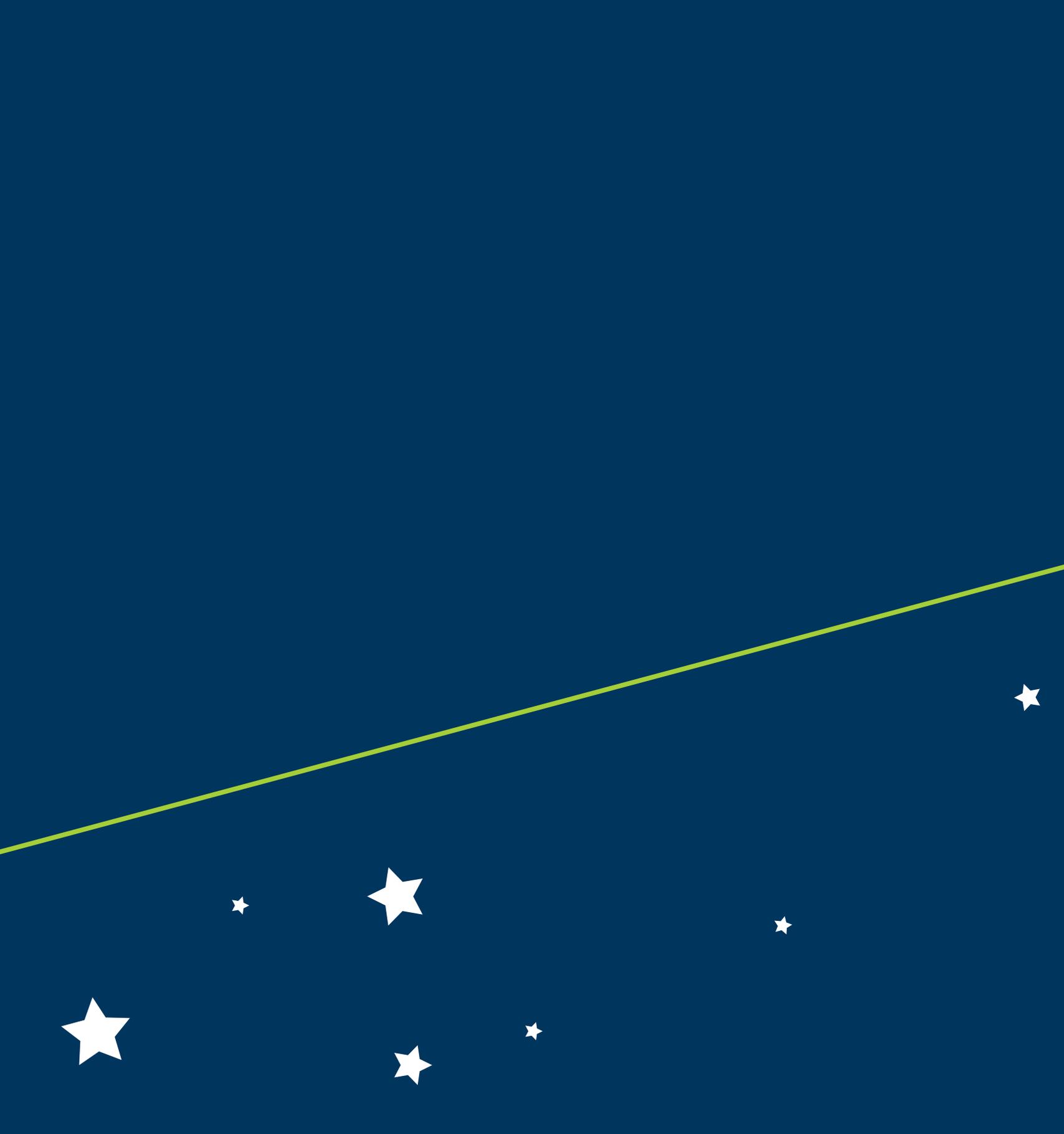


Ex-diretoras encontraram-se nas comemorações dos 50 anos do Colégio.



AS DIRETORAS

1964 - 1973	Zilah Mattos Totta
1974 - 1981	Lilia Rodrigues Alves
1982 - 1985	Mônica Bertoni dos Santos
1985 - 1988	Maria Cristina Pereira Leiria
1989 - 1991	Maria Helena Cardoso Barth
1992	Tânia de Melo Curcio
1992 - 1997	Nara Regina Pereira Beheregaray
1997 - 2004	Clívia Cassol Morato
2005 - em exercício	Anelori Lange





NO MEIO DO CAMINHO TINHA UM TRONCO

e ele era usado como sofá pelos alunos.





1975

O Colégio João XXIII recebe autorização para o funcionamento do 2º grau.

1976

Alunos organizam o jornal A Voz do Morro.

1977

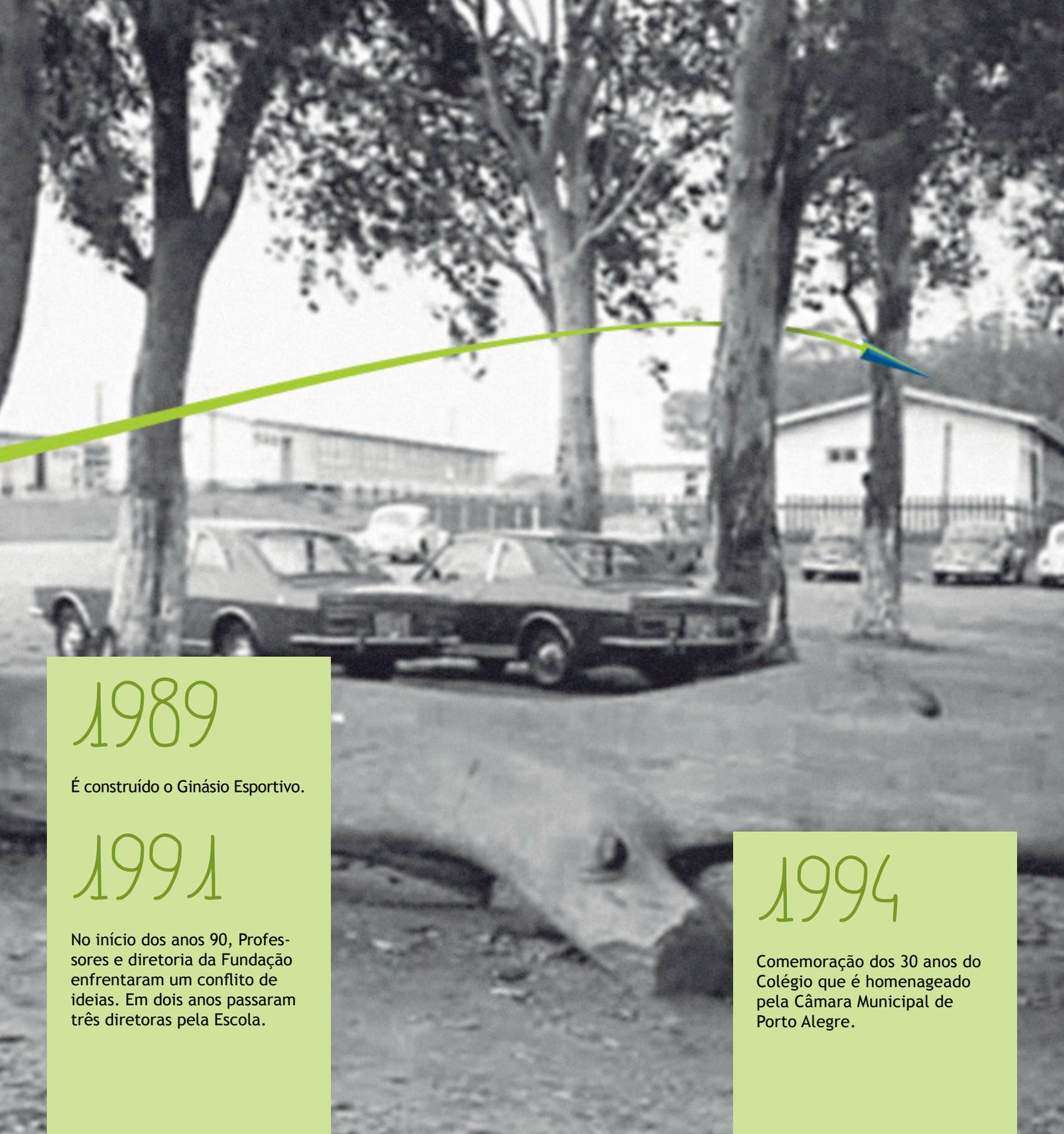
A primeira turma de formandos do 2º grau recebe o certificado no pátio da Escola ao som da música Roda Viva, de Chico Buarque.

1979

É criada a Associação dos Professores do Colégio João XXII.

1987

É implantado no João XXIII o 1º Laboratório de Informática em Educação Básica, iniciativa pioneira no Rio Grande do Sul.



1989

É construído o Ginásio Esportivo.

1991

No início dos anos 90, Professores e diretoria da Fundação enfrentaram um conflito de ideias. Em dois anos passaram três diretoras pela Escola.

1994

Comemoração dos 30 anos do Colégio que é homenageado pela Câmara Municipal de Porto Alegre.

Estudantes permanecem no Colégio depois das aulas porque se sentem em casa.



GALHOS E RAÍZES

O lendário tronco instalado na entrada da Escola, era um “sofá” disputadíssimo, usado como ponto de encontro dos amigos, o “namoródromo” oficial e o local onde os adolescentes esperavam a carona dos pais. Os alunos menores sonhavam um dia conquistar o direito de usufruí-lo. Mais do que isso, porém, a imagem é simbólica, pois esta parte da árvore une os galhos projetados para o céu e as raízes mergulhadas na terra. Papel semelhante ao de uma escola que ensina os estudantes a sonhar, a questionar e a pensar com independência, sem perder o senso da realidade.

Mesmo sem o velho tronco – que acabou sucumbindo ao sol e à chuva – hoje os estudantes encontram outras formas e motivos de permanecer mais tempo na Escola onde são conhecidos pelo nome. Um dos motivos para os alunos se sentirem participantes da proposta pedagógica é o fato de terem voz. Eles são estimulados a desenvolver iniciativas próprias. Nem sempre isso aconteceu com tranquilidade. Algumas situações hoje são lembradas com bom-humor, embora na ocasião tenham representado um desafio e tanto para os mestres, como quando certa turma resolveu enfeitar a sala com fotos de uma revista masculina.

Na ocasião – ainda nos primórdios da Escola – todos tinham sido autorizados a decorar as próprias salas. Para desafiar os limites, um grupo transformou os posters da revista em papel de parede. Mas, se esperavam tempestade, acabaram decepcionados. A então diretora Lília Rodrigues negociou serena com a turma, argumentando que tudo tinha seu tempo e lugar adequado. Um dos pontos fundamentais da discussão foi a preservação do “material”. Assim, ela acabou comprometendo-se a guardar as fotos na secretaria. De tempos em tempos, os estudantes certificavam-se de que os rolos de papel continuavam no mesmo





Conselho de alunos



Associação dos Professores



Grêmio Estudantil

lugar, ou seja, de que a palavra da diretora estava sendo mantida. E Lilia guardou as fotos intactas até a turma se formar e deixar a Escola.

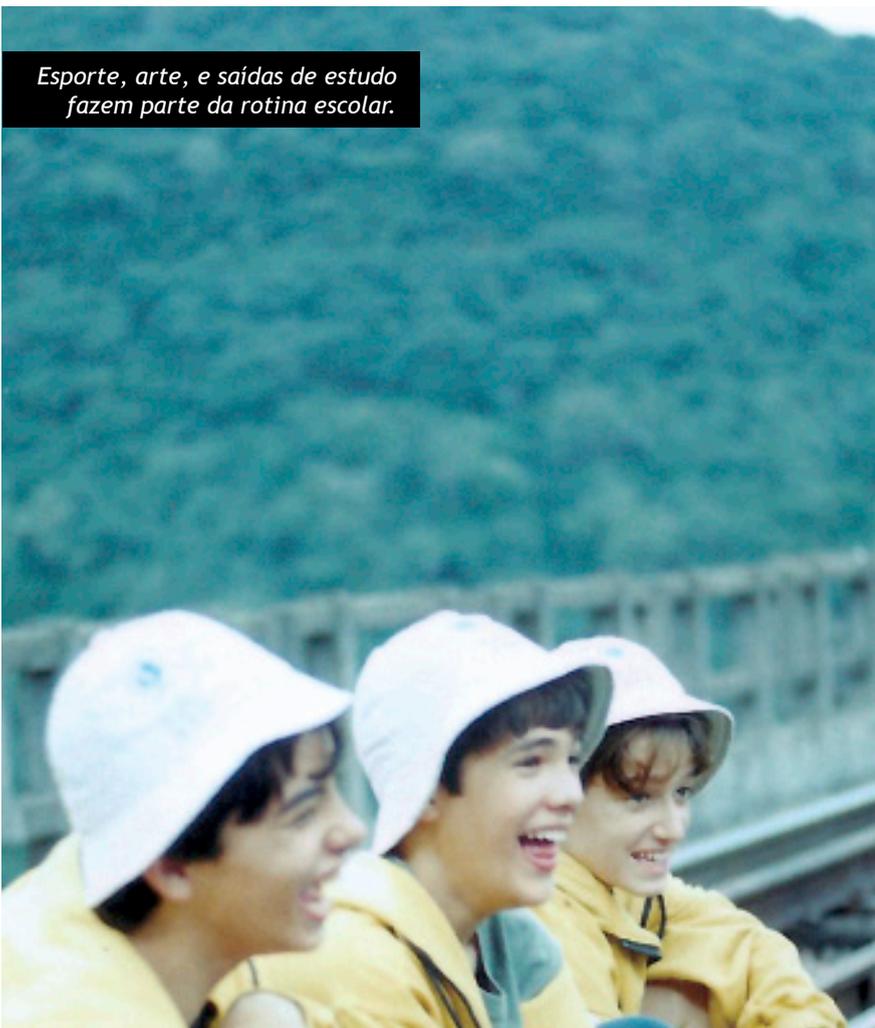
Atualmente existem duas representações de estudantes: o Conselho dos Alunos (CA) e o Grêmio Estudantil do João XXIII (GEJ). O Conselho, diretamente ligado às atividades de aula, é formado por dois representantes de cada turma, escolhidos anualmente pelos colegas. Uma das eleitas, Suzy Medina – à época no 5º ano, resumiu a responsabilidade do grupo da seguinte maneira: “Todo mundo deve cooperar para podermos fazer as mudanças juntos.”

Os membros do Conselho de Alunos têm a responsabilidade de levar as demandas dos colegas e participar dos Conselhos de Classe e reuniões coordenadas pelo Serviço de Orientação Psicologia (SOP) da Escola. Recentemente, o CA deu um passo importante rumo à autonomia ao solicitar algumas reuniões sem a presença dos educadores. Foi atendido.

Criado em 1967, o GEJ também elege sua diretoria uma vez ao ano. Nas duas últimas gestões optou por uma direção sem cargos definidos. Todos os integrantes dirigem a entidade de forma colegiada. O GEJ tem o seu espaço próprio, e desenvolve atividades culturais, recreativas e sociais. Uma delas é a famosa gincana, quando as equipes atravessam a madrugada entre brincadeiras e desafios.

Também os educadores têm a sua representação: a Associação dos Professores do Colégio João XXIII. Criada nos anos 80, a APJ congrega professores e técnicos do Instituto, tendo como finalidade a integração e o atendimento aos interesses de classe. Mas os professores do João vão além. Eles lutam pelo desenvolvimento cultural de toda a comunidade escolar.

Educadores e estudantes
são representados
pela Associação dos
Professores, Conselho dos
Alunos e Grêmio Estudantil.



Esporte, arte, e saídas de estudo fazem parte da rotina escolar.





ESCULTURAS SONORAS

Chinelos de borracha coloridas e canos de PVC verde-amarelos viraram esculturas sonoras no pátio do Colégio João XXIII, a primeira escola a instalar um Parque Musical no Rio Grande do Sul. O maior entre os nove instrumentos interativos – o tubofone móvel batizado “Chinelotron” – é um primo distante do órgão, percutido com os chinelos. O Parque Musical, inaugurado em 2014 ganhou o nome de uma das fundadoras, Leda Freitas



O TRONCO DO BEM

Tinha um enorme tronco na minha escola. Não um tronco, tronco, de chicotear escravos ou torturar em praça pública, antes da Declaração Universal dos Direitos Humanos. Um eucalipto, apenas. Um tronco do bem.

Um robusto pedaço de árvore caída, com cerca de cinco metros de comprimento, onde se empoleiravam os estudantes na saída das aulas. O tronco ficava logo na entrada do estacionamento e funcionava como um incrível banco coletivo para sentar e... esperar os pais. Não que também não fosse usado como trampolim para habilidades olímpicas (quem nunca se estoporou naquele areião, hum?), ou ainda como retiro para matar aula lendo um gibi, ou mesmo como registro de nomes e frases romanticamente entalhadas na madeira (quem nunca?...). Com inúmeras utilidades, o tronco era amado e também disputado.

Eu o via como um parâmetro de poder. Não cabiam todos os alunos da Escola; portanto, havia um velado critério de ocupação: ou você chegava antes e se garantia, ou você era “vip” por alguma das duas razões que na época faziam a diferença: o tamanho e a fama de mau. Eu não possuía nenhum desses documentos, assim tinha pouco contato com o tronco. Adorava-o à distância, como um objeto platônico, místico e o usufruía em raros momentos fora do rush.

Como estudei a vida toda nesse Colégio (dos três aos 17 anos), acabei estabelecendo



uma relação duradoura com o tronco, que passou a ser minha referência de crescimento. No início eu custava para escalar o bicho, batia os pezinhos no ar, enquanto me puxavam com as mãos. Subir no tronco era como domar um dragão gigante e dócil. Aos poucos, foi ficando mais fácil, aumentou minha altura e as sinapses, então descobri que dava para usar os tronquinhos como degrau. Vencido o desafio da subida, olhar o mundo lá de cima era mágico e soberano como contemplar o Vale Sagrado dos Incas.

Com o passar do tempo fui ganhando prioridade sobre os menores (enfim um lugar na sociedade!) e mais destreza. Lá pelas tantas era só se apoiar com uma das mãos e pular empurrando o corpo para cima daquela plataforma natural. O tronco já era um dos nossos, era amigo – o mais fiel, o mais sólido, o mais confiável – estaria ali pro que desse e viesse. Nosso reduto. O tempo passava e o tronco seguia firme e forte, como símbolo de permanência. Então terminou o Colégio e nós, firmes e fortes, irmos embora. De saltarmos o tronco como uma cerca – rumo à liberdade. O tronco foi o último amigável obstáculo entre a Escola e a vida.

“Na minha escola tinha um tronco” – texto de Tatiana Druck, advogada, escritora e ex-aluna

RODA VIVA

O diploma da turma de 1977 foi entregue no pátio. A gurizada questionadora e festeira não queria saber de salões. Preferiu o arvoredo, mesmo com risco de chuva. O tempo colaborou, e eles despediram-se cantando em coro a música “Roda viva”, um dos hinos da juventude de então: “Tem dias que a gente se sente/ Como quem partiu ou morreu/ A gente estancou de repente/ Ou foi mundo então que cresceu/ (...) A gente quer ter voz ativa/ No nosso destino mandar/ Mas eis que chega a Roda Viva/ E carrega o destino prá lá”. Os versos de Chico Buarque provocaram uma choradeira geral.

A grande maioria tinha chegado à Escola ainda com dentes de leite, e agora eram os primeiros a se formarem no 2º Grau - hoje Ensino Médio. A gurizada não conseguia imaginar a vida depois do João. O prazer da companhia entre os colegas era tão grande que, nos últimos dias antes da formatura, chegavam a marcar cafés da manhã uns na casa dos outros.

Passados 35 anos, quando todos beiravam meio século de vida, a saudade falou alto e um pequeno grupo – integrado pela publicitária Silvana Diniz Beduschi e a jornalista Cláudia Coutinho, entre outros – decidiu reaproximar os antigos colegas para relembrar a fantástica aventura de terem protagonizado uma experiência educacional corajosa e inusitada. Enquanto o Brasil ainda era amordaçado pela ditadura militar, os alunos do João XXIII debatiam Filosofia, eram apresentados a Nietzsche e a Sartre, teatralizavam o conhecimento, cantavam músicas de protesto, visitavam comunidades carentes e escreviam um tabloide questionador chamado “A Voz do Morro”.

Os efeitos marcantes daquela época ficaram evidentes quando os organizadores abriram um grupo no facebook. “Reunimos 140 pessoas, entre as duas turmas e outros colegas que conviveram conosco”, contabiliza Silvana. Alguns, como Danilo Kirsten, economista residente em Brasília, viajaram de longe para participar de uma festa de



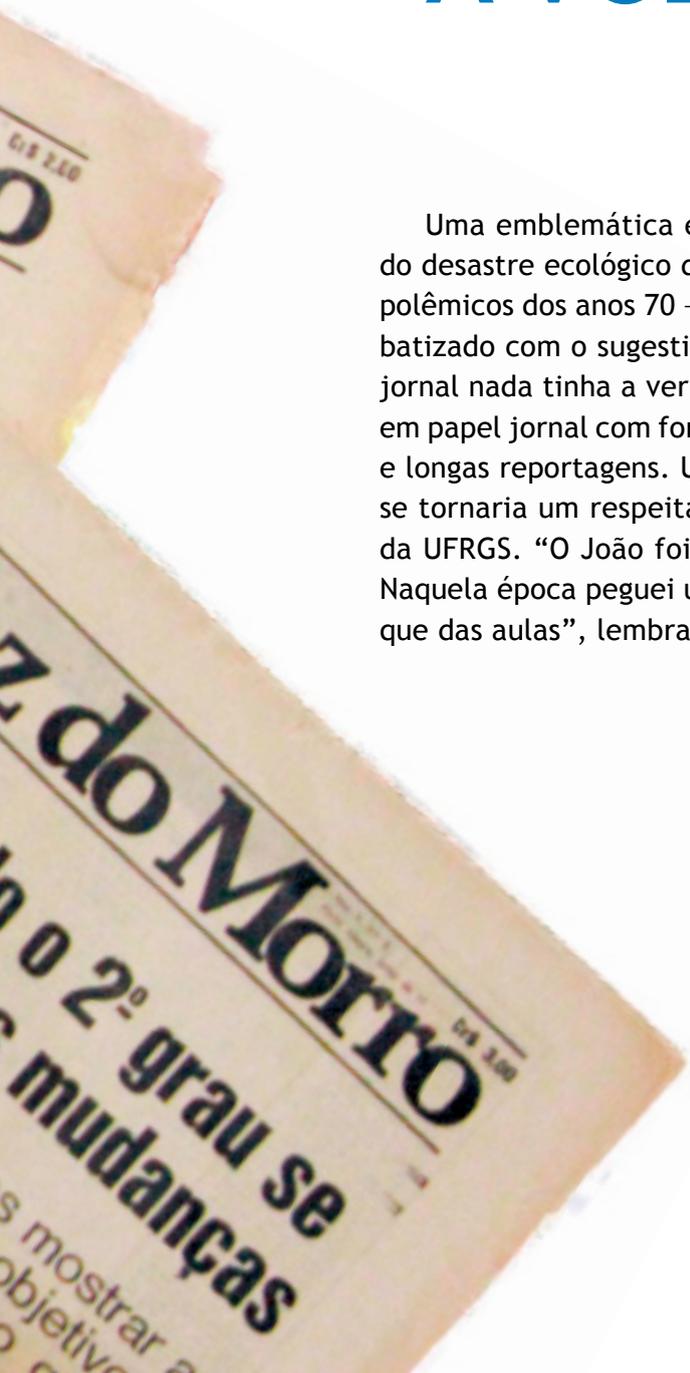
A primeira turma de 2º grau, formada em 77, promove encontros até hoje.

reencontro. Outros, porém, revelaram aos colegas que continuam fazendo parte do cotidiano da Escola, pois têm os filhos estudando no João XXIII, como é o caso de Rubem Pechansky, designer e professor universitário, pai da Escola, e também filho da artista plástica Clara Pechansky, ex-professora do João.

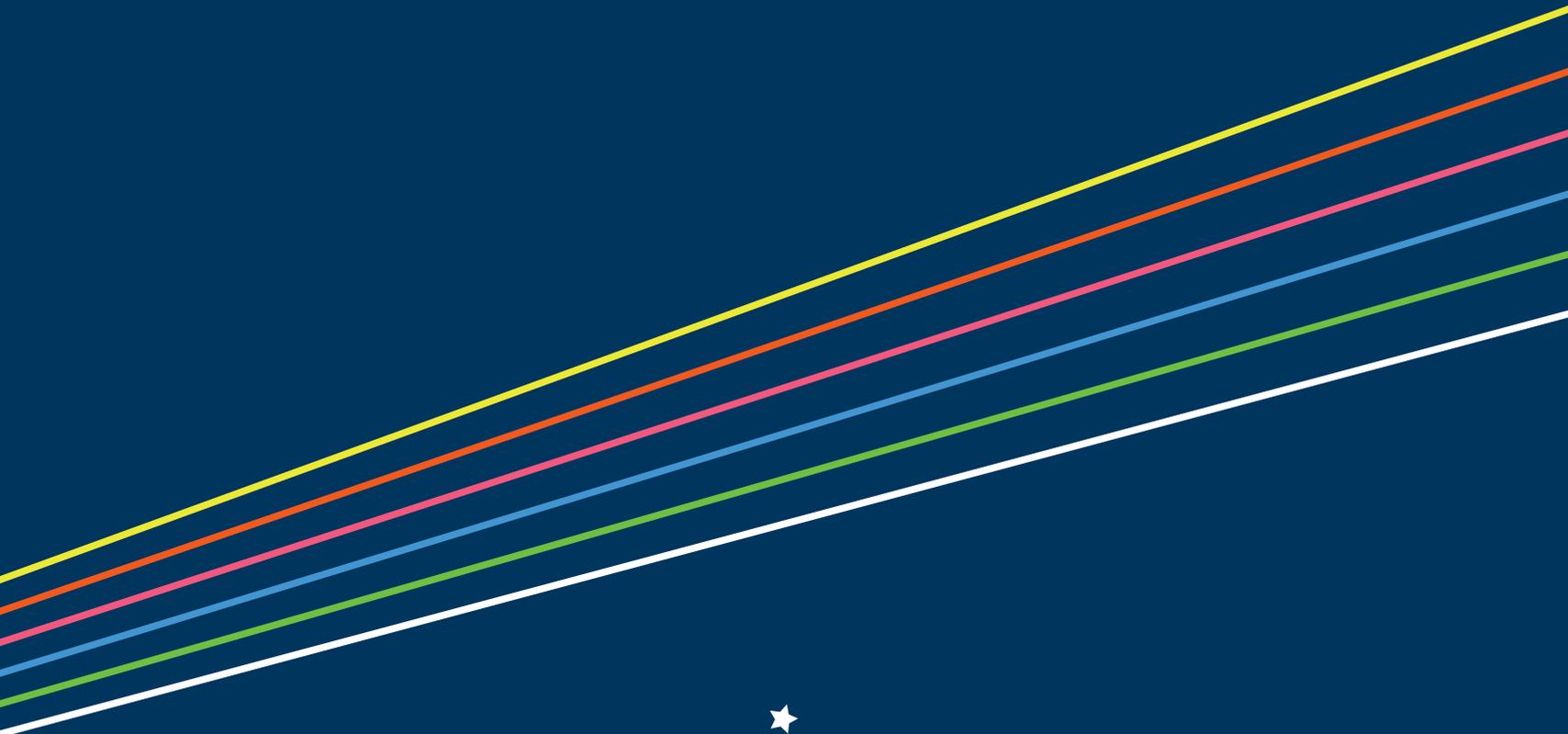
Além de organizarem um baile e dançarem até o sol raiar no Clubinho do Leopoldina Juvenil, no dia 23 de novembro de 2012, montaram uma espécie de enciclopédia das peripécias da turma de 77 no João mescladas com os acontecimentos da época. Eles continuam se reunindo e no dia 31 de outubro de 2014, realizaram um novo encontro e até inventaram um livro itinerante que passa de mão em mão para recolher as lembranças de cada um. “É um elo entre nós”, define a jornalista Cláudia Coutinho, que escreveu no texto de introdução: “Nossa história começa lá na João Pessoa, naquela casa de dois andares que nos parecia enorme (...) Do lado de fora, éramos vistos como uma ‘escola diferente’. Também, pudera, vivíamos o início do regime militar, com cerceamentos, medos e receios. Dentro, porém, aprendíamos sobre Liberdade, Solidariedade, Trabalho e Responsabilidade(...)

A VOZ DO MORRO

Uma emblemática entrevista com o educador Darcy Ribeiro ou uma radiografia do desastre ecológico da Praia do Hermenegildo – entre dezenas de outros assuntos polêmicos dos anos 70 – foram manchetes do jornal dos alunos do Colégio João XXIII, batizado com o sugestivo nome “A Voz do Morro”. Ousado e provocativo, o lendário jornal nada tinha a ver com os triviais e acanhados informativos escolares. Impresso em papel jornal com formato tabloide, estampava charges questionadoras, boas fotos e longas reportagens. Um dos fotógrafos, Luiz Eduardo Robinson Achutti, mais tarde se tornaria um respeitado profissional da imagem no Rio Grande do Sul e professor da UFRGS. “O João foi um lugar de muitas descobertas e experiências diferentes. Naquela época peguei um certo cacoete pela liberdade e gostava mais do Colégio do que das aulas”, lembra.







NO MEIO DO CAMINHO TEM UM ARCO-ÍRIS
e ele dá luz e cor à educação.

A background photograph showing students in a schoolyard. In the foreground, a student in a white shirt with colorful paint splatters is holding a green ribbon. Behind them, another student in a purple shirt is also visible. The background features a white wall covered in graffiti, including names like 'NANDÃO', 'GABY', and 'MARTINS'. Other students are seen in the distance, some sitting on the ground.

1993

Os professores da Escola são capacitados na área da informática em educação.

1994

O João XXIII inaugura o Centro de Informática Educativa. Disponibilizando Internet na Escola, torna-se pioneiro no Rio Grande do Sul.

1995

É criado o atual logotipo da Escola.

É implantado o Projeto Informática Interativa, da Educação Infantil ao 4º ano do Ensino Fundamental, com mesas pedagógicas importadas de Israel.

1996

É inaugurado o Cantinho da Bicharada.

1997

A Fundação Educacional João XXIII recebe o 1º certificado como Instituição Filantrópica.

A Escola recebe a Medalha Cidade de Porto Alegre em sessão solene na Câmara Municipal.

1998

São implantadas as salas-ambiente – 5ª série ao Ensino Médio – um projeto pioneiro em Porto Alegre.

Criação do Turno Integral Joãozinho Legal.



2001

A Assembleia Legislativa concede o 1º Certificado de Responsabilidade Social ao João XXIII, em reconhecimento às ações sociais realizadas pela nossa Fundação Educacional.

É implantada a Classe-Bebê para crianças a partir de 4 meses.

É inaugurada a Biblioteca Zilah Totta e Biblioteca Infantil Vale Encantado.

2000

A abordagem pedagógica multi-idade na Educação Infantil é adotada no projeto pedagógico da Escola.

2002

São concedidas bolsas de estudo com 100% de integralidade, para alunos economicamente carentes.

2003

A Escola recebe o 1º Selo Escola Solidária conferido pelo Instituto Faça Parte em parceria com o Ministério de Educação e Cultura (MEC).

2004

A Escola torna-se pioneira no Rio Grande do Sul ao implantar ambientes virtuais, João 24h@ras.

No final do 3º ano do Ensino Médio, todos participam de um colorido ritual de passagem...





LIVRES PARA VOAR



Bem ao fundo da Escola, no terreno localizado no Morro Primavera, onde funciona o Colégio João XXIII, o arco-íris derrama suas cores uma vez por ano. É quando acontece a “Festa das Tintas”, e os formandos do Ensino Médio participam de um festivo e colorido ritual de passagem para a nova fase de suas vidas. Tudo acontece em uma quadra onde pichar não é considerado dano ao patrimônio público, mas um exercício saudável de criatividade e alegria. Assim despedem-se do João, que, para a grande maioria, foi um companheiro desde o tempo das fraldas ou, pelo menos, desde a época dos dentes de leite. O legado de liberdade com responsabilidade os acompanhará pela vida afora.

Antes, porém, cumprem vários ritos de passagem, que proporcionam suporte emocional para vivenciar em momentos transitórios do desenvolvimento. Organizada em etapas- Educação Infantil (Classe-bebê: 4 meses a 2 anos, Maternal: 2 a 4 anos, Níveis: 4 a 6 anos); Ensino Fundamental; Ensino Médio, a Escola promove a articulação curricular afinando as diferentes concepções das etapas do desenvolvimento e da aprendizagem, assim como o planejamento de ações comuns facilitadoras das mudanças. Os alunos e suas famílias são encorajados a vivenciarem cada nova fase. Os principais marcos são as mudanças da Educação Infantil para o 1º ano, do 5º para o 6º ano e da 8ª série (9º ano) para o Ensino Médio.

A finalização da vida escolar e a escolha profissional do aluno é o último rito de passagem dentro do João. Um conjunto de ações específicas apoiam os jovens e os ajudam a embasar suas decisões. Desde a segunda série inúmeras ações são desenvolvidas para auxiliar os estudantes no processo da escolha profissional. Na terceira série, acontecem visitas a universidades e às Feiras das Profissões. Palestras com profissionais de diversas áreas são realizadas na própria Escola. Também ocorrem momentos de conversas entre as turmas e a psicóloga do Colégio.

Ao longo da vida escolar, o esporte é estimulado, ultrapassando as fronteiras

da Educação Física tradicional. *Mens sana in corpore sano* (mente sã em corpo são) costumava dizer uma das fundadoras e ex-diretora, Lilia Alves, nos anos 60, explicando: “as crianças precisam gastar a energia que não cabe nos seus corpos”. Assim, a nova sede da Escola, no alto do morro, foi concebida com várias quadras, como o campo de areia (atualmente com grama sintética, instalada a pedido dos alunos), as quadras multiesportivas, passando pelo Ginásio, hoje totalmente renovado. Essa estrutura é um convite à realização dos Jogos Interséries e à prática de jogos esportivos de handebol, futsal, basquete e vôlei, entre outros.

O esporte na educação do João XXIII não induz à mera competitividade, mas ao prazer e ao trabalho de equipe. Independentemente das habilidades de cada aluno, a prática desportiva oportuniza espaço para o desenvolvimento global e a postura responsável por meio das atividades lúdicas e de livre expressão. Oportuniza, portanto, compreender e usar a linguagem corporal como prática de uma vida saudável e integrada socialmente.

O esporte na educação do João XXIII não induz à mera competitividade, mas ao prazer e ao trabalho de equipe.

DESBRAVADOR

O prazer de conviver, descobrir e aprender juntos faz parte do DNA do Colégio e, em seu nome, surgiram diversos projetos pioneiros. A inovação preconizada, entretanto, não é sinônimo de modismo ou roupagem vistosa para práticas reprisadas e aventuras que arriscam transformar seres humanos em cobaias. Não se trata de escolher entre uma coisa ou outra, e sim de agregar à experiência o desafio que está



No Campão, no Ginásio e nas quadras acontecem os Jogos Interséries, as práticas desportivas, culturais e de lazer.





posto. Inovar, portanto, significa pensar, planejar e trabalhar junto. Não desconsiderar os saberes construídos, e sim valer-se deles e avançar.

No processo de desbravar caminhos singulares, o João foi o primeiro a implantar as salas-ambiente em Porto Alegre; espaços pedagógicos contextualizados por meio de recursos didáticos, culturais e tecnológicos, que articulam teoria e prática curricular. Atualmente as salas de aula são equipadas com data-show, e internet.

A presença da tecnologia no ambiente escolar, aliás, também foi uma inovação em 1987, quando os computadores ainda eram objetos estranhos bem complicados de serem operados. Naquela época, o Colégio organizou o primeiro Laboratório de Informática em uma Escola de Educação Básica do Rio Grande do Sul, vislumbrando nas tendências tecnológicas novas formas de aprender e estudar.

Uma das mais recentes iniciativas de vanguarda foi o projeto de implantação do 5º ano para atender à nova configuração da educação brasileira que, desde 2008, determinou a obrigatoriedade de mais um ano para o Ensino Fundamental. Mas enganou-se quem pensou que no João XXIII este seria um 4º ano prolongado. “Planejamos um novo currículo para os nove anos do Ensino Fundamental”, explica a diretora Anelori Lange. Nessa organização curricular foram incluídas as Práticas Pedagógicas Complementares até o 8º ano.

Dentro do currículo ou como atividade extracurricular, a Música, faz parte da identidade do Colégio. É introduzida já na Classe-Bebê e acompanha os alunos pela vida escolar, pois os pioneiros tiveram a consciência que o estudo musical é uma importante ferramenta para desenvolver a sensibilidade, o raciocínio, a coordenação e a concentração. Resultado: o João possui hoje uma banda própria, a J23.

As artes plásticas também integram o currículo e, além disso, proporcionam para toda a comunidade do João diversos projetos culturais com saídas de campo. Um exemplo é o projeto “Ver arte faz parte”, desenvolvido pela professora Ivone Rizzo Bins, que promove passeios a espaços culturais envolvendo pais, professores e alunos.



O João foi o primeiro no Estado a implantar a tecnologia no ambiente escolar.



Arte Cênica



Cultura da Sustentabilidade



Identidade Cidadã



Iniciação Científica

Práticas Pedagógicas - 5º e 6º anos

Práticas Pedagógicas - 7º e 8º anos

Cibercultura e Ética Digital



Atitudes e Experiências Solidárias



Linguagens e Práticas Sociais



Educação Financeira e Consumo Responsável



AR LIVRE

Fiéis à ideia de que a aprendizagem não acontece apenas entre as quatro paredes, os educadores do João XXIII promovem viagens de estudos como um meio de ampliar as aprendizagens escolares. Nos anos de 2009 e 2011, o Projeto Cultural “São Paulo – Essa aula é uma viagem”, por exemplo, ofereceu “aulas vivas” no Museu da Língua Portuguesa e no Museu do Ipiranga.

Para muitos, o primeiro voo fora de casa sem a presença dos pais – e, portanto, uma lição extra de autonomia – é proporcionado pela Escola. É o caso dos participantes das viagens do 4º ano para as Missões Jesuíticas. Desde bem pequenos os alunos se envolvem em aventuras e descobertas do mundo por meio de visitas a exposições culturais, históricas e artísticas em diferentes ambientes.

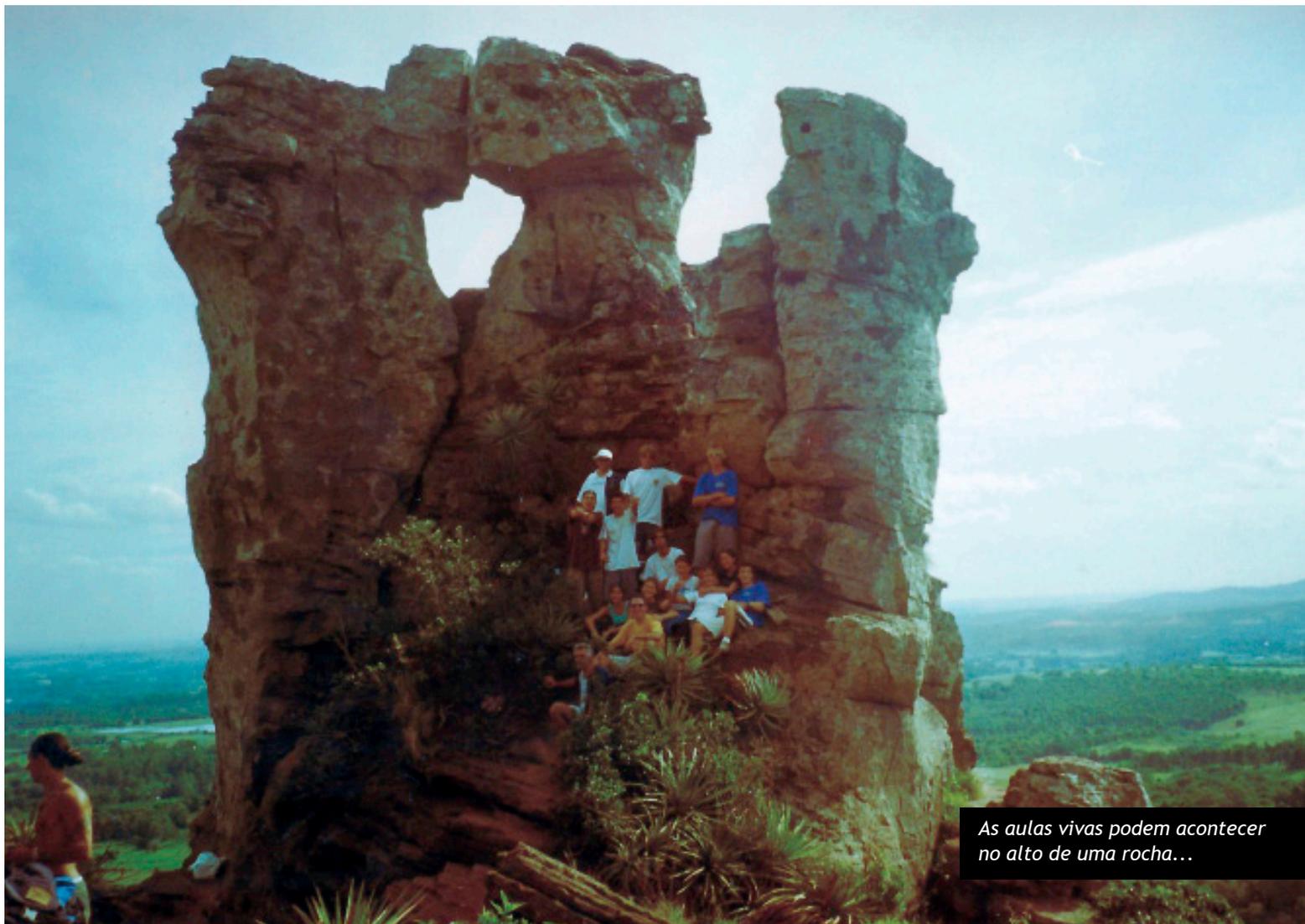
Passeios fora da área escolar são igualmente triviais, como vistas a espaços e exposições de arte ou rondas pela cidade, incluindo a zona rural. Até mesmo os pequenos são envolvidos nas atividades ao ar livre, como passeios no barco-escola Martin Pescador, de onde observam tanto a beleza quando o lixo jogado na Bacia do Guaíba.

...no Jardim Botânico

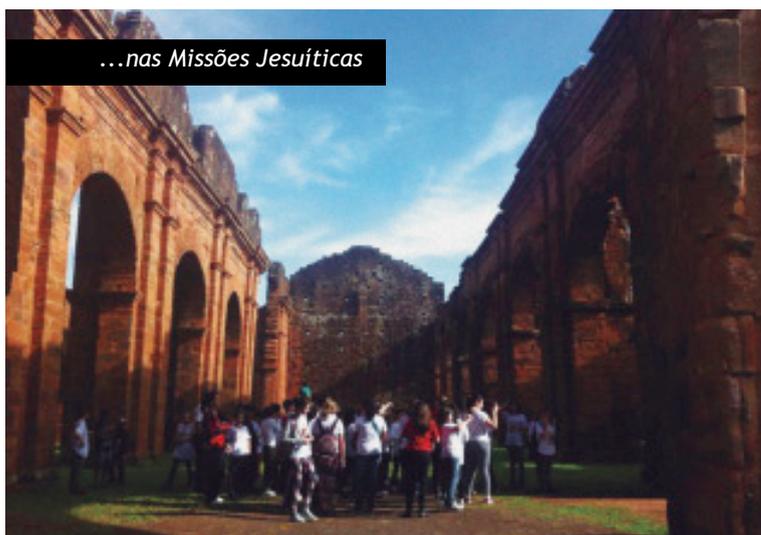


...na zona rural





As aulas vivas podem acontecer no alto de uma rocha...



...nas Missões Jesuíticas



...na Pinacoteca de São Paulo

...em um barco



...na Travessa dos Venezianos



...na Igreja das Dores



*...ou em uma pedalada
no Gasômetro.*







DAS FRALDAS AO VESTIBULAR

O João acompanha os alunos das fraldas ao Vestibular. Quando finalizam suas vidas escolares, eles estão prontos para enfrentar diferentes desafios e fazer suas escolhas, seja através do vestibular tradicional, seja através do ENEM ou de qualquer outro processo seletivo.

EDUCAÇÃO INFANTIL

CLASSE-BEBÊ - 4 MESES A 2 ANOS

MATERNAL - 2 A 4 ANOS

NÍVEIS - 4 A 6 ANOS

Com a mesma inquietação pedagógica que deu origem à fundação do Colégio, a Educação Infantil reinventou suas práticas pedagógicas para a primeira infância. Em 2002 introduziu a chamada abordagem multi-idade como um conjunto singular e inovador de escolhas curriculares baseadas na convivência interativa entre crianças de idades mistas, privilegiando a interação entre níveis de desenvolvimentos diferentes como fator de promoção da aprendizagem e das relações sócio-afetivas.

Esse contexto de convívios múltiplos em espaços e tempos cuidadosamente desenhados e planejados incentiva o desenvolvimento social e intelectual das crianças como um todo integrado, enfatizando suas capacidades de interação e comunicação, aliadas a uma necessidade de expressão, compreensão e realização. Nessa perspectiva, os pequenos são encorajados a explorar o ambiente e a expressar a si mesmos através de uma diversidade de linguagens lúdicas, corporais, simbólicas, lógicas, cognitivas e relacionais.





Ao defender a infância como um tempo de direito e a escola infantil como um lugar de cultura e aprendizagem – onde o prazer de brincar e aprender são experiências indissociáveis-, o João XXIII foi reconhecido nacionalmente, recebendo o prêmio “Aqui se brinca, aqui se aprende pela experiência”, certificado pelo programa “Pelo direito de ser criança”, criado pela OMO e pelo Instituto Sidarta. O processo seletivo contou com a participação de 2448 escolas de 895 cidades brasileiras. A Escola recebeu também o selo “Melhores Práticas de Brincar”.

ENSINO FUNDAMENTAL – 1º AO 5º ANO

ANOS INICIAIS

A ampliação do universo cultural da criança, o desenvolvimento do ser e do conviver, bem como a formalização das aprendizagens, fazem parte da proposta pedagógica dos anos iniciais do Ensino Fundamental. O currículo privilegia a construção do conhecimento, os espaços, os tempos, os objetivos, as estratégias individuais e coletivas e as relações interpessoais. Os eixos fundamentais do processo de aprendizagem para alunos e professores são a reflexão, o argumento, a participação e as experiências vividas.

Em tempo e espaço articulados para as crianças, o cotidiano revela os conteúdos das dimensões do conviver e do saber fazer de forma integrada nas ações pedagógicas e intervenções docentes. Os projetos interdisciplinares, os enfoques temáticos, as sequências didáticas e as propostas das diferentes áreas do conhecimento são os caminhos para a experiência e para o desenvolvimento de habilidades e competências.

Os primeiros anos comprometem-se com o processo de alfabetização dos alunos num contexto de letramento, envolvendo práticas sociais de leitura e escrita. Os anos finais que complementam o desenvolvimento dos alunos privilegiando a sistematização a partir de um olhar histórico, geográfico, científico e ambiental, são parte da formação que se traduz com na curiosidade, no raciocínio e o no pensamento crítico das crianças.

Na perspectiva de como concebemos essa etapa da escolaridade,





as situações de brincadeira e aprendizagem acontecem de forma integrada, favorecendo o desenvolvimento das potencialidades corporais afetivas, intelectuais, estéticas e éticas.

ANOS FINAIS

Além da sólida formação intelectual, o conhecimento é construído por meio de uma abordagem que favorece o desenvolvimento da ética, da capacidade de análise lógica, da crítica construtiva, das habilidades, das competências e das atitudes solidárias, compreendendo o sentido da cidadania. O currículo equilibra o conhecimento científico articulado e contextualizado. Por meio de projetos e metodologias inovadoras, o João XXIII investe no prazer de estudar, nas trocas interativas, na participação, nas descobertas e na capacidade de enfrentar desafios, observando uma postura crítica e reflexiva por meio do diálogo, da argumentação e da pesquisa.

ENSINO MÉDIO

1ª A 3ª SÉRIES

O Ensino Médio situa o estudante como produtor de conhecimento, promovendo o desenvolvimento de sua capacidade de investigação, de interação e de intervenção no mundo em que vive. A organização curricular proporciona ampla diversificação de estudos que estimulam a experimentação, a argumentação e a solução de problemas, entre outras habilidades e competências.

Nessa etapa conclusiva da educação básica o aluno é preparado não apenas para o prosseguimento de seus estudos em níveis mais complexos, mas também para sua inserção no mundo do trabalho e para a participação plena na sociedade. O João XXIII tem como principal fundamento o conceito de cidadania, a partir de uma abordagem pedagógica democrática, que preconiza a formação ética, bem como o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico. Os alunos do EM participam do Projeto Universidade, implantado em 1999, que proporciona aulas especiais, testes de interesse vocacional, palestras com profissionais de diversas áreas e visitas às universidades, entre outras atividades que auxiliam nas suas escolhas.





TURNO INVERSO

JOÃOZINHO LEGAL

O turno integral do João XXIII oferece atividades criativas de aprendizagem e socialização para crianças de quatro a dez anos. Em um ambiente acolhedor, as crianças têm espaço e tempo para vivenciar sua infância, enriquecida pelas possibilidades educacionais. O Joãozinho Legal funciona em turno inverso, inclusive nas férias de janeiro e julho

ATIVIDADES EXTRACLASSE

CENTRO DE IDIOMAS

O Colégio conta com atividades extraclasse, algumas delas oferecidas por parceiros terceirizados, como a Escola Toque Musical, a Escola de Teatro (Tepa) e a Escola de Esportes (Atleta). O Centro de Idiomas do colégio é aberto a toda a comunidade escolar. Oferece aulas por grupos de interesse nas modalidades de alemão, espanhol, francês, inglês e italiano, além do Especial Vip (aulas individuais) e Little Kids. Por meio do Centro de Idiomas, são organizadas vivências de estudos em países de língua inglesa, nas férias de julho, chamadas de “Férias Inteligentes”.

ADMIRÁVEIS MUNDOS NOVOS

O mundo é o símbolo do João. E isso não acontece por acaso. Cada vez que a Terra completa um giro em torno do sol, admiráveis mundos novos são descobertos pelos alunos. Projetos multidisciplinares unem o teatro, a música, a literatura e a ciência, proporcionando não só um aprendizado prazeroso mas também verdadeiros espetáculos à comunidade escolar. Alguns desses projetos são reprisados todos os anos, como a Feira do Livro, a Mostra Cultural, a Mostra de Curtas e o Festival de Música.

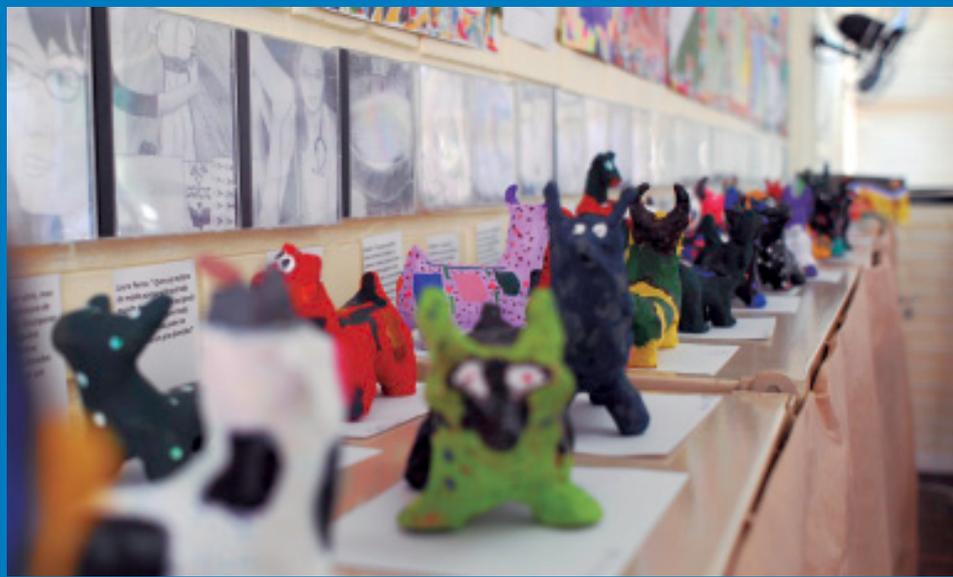
A Feira do Livro, por exemplo, vai muito além da venda de publicações. O evento oferece palestras, debates, oficinas, shows, teatro, cenários extraídos das obras, intercâmbios culturais, e histórias — muitas histórias. Fadas, duendes, elfos, magos, princesas- que parecem fugitivos da terra “Era uma vez” — desfilam pelo pátio. Some-se a isso o contato direto com diversos escritores.

Algo semelhante acontece com a Mostra de Curtas: Colégio João XXIII — uma Escola de Cinema. Baseadas em contos da Literatura, as filmagens são coletivas e educativas, estimulando os estudantes da 1ª série do Ensino Médio a criar, atuar em equipe, debater, enfrentar desafios, solucionar problemas, trabalhar com diversos tipos de linguagens artísticas, visuais e tecnológicas e, é claro, divertir-se.

Antes e durante o trabalho, as equipes recebem orientações dos professores e também de profissionais da área de produção cinematográfica. A qualidade técnica e a atuação não são prioritárias, mas o júri é criterioso quanto à avaliação da criatividade, da capacidade de vencer os desafios, da pesquisa de detalhes históricos e geográficos, entre outros quesitos educativos.

O Seminário Filosófico é outro espaço importante para o debate de temas polêmicos do mundo atual, envolvendo economia, cultura e contracultura, bem como dramas sociais e humanos. Embora pareça pura festa, o Festival de Música envolve trabalho





pesado por parte dos organizadores e participantes. Mas engana-se quem pensa que no palco montado junto ao gazebo acontece apenas uma competição vocal e instrumental. O Festival é, antes de mais nada, uma mostra da educação musical da Escola, que acompanha os alunos desde a Educação Infantil.

Além dos projetos permanentes proliferam muitos outros. Nas Artes Visuais, a criatividade sobressai. Da sucata à obra dos mestres, tudo é matéria prima. Os quimonos de Tomie Otake, por exemplo, inspiraram versões miniaturais, enquanto a complexa arte do sul-africano William Kentridge foi objeto de estudos em diversas áreas do conhecimento.

TERRA PASSADA A LIMPO

No Colégio João XXIII todo dia é Dia do Meio Ambiente, e salvar o mundo deixou de ser missão fictícia dos super-heróis. Em um planeta devastado por sérias agressões a natureza, proteger a vida na Terra tornou-se obrigação de todos. O Colégio assumiu a sua parte ao implantar, em caráter permanente, o projeto socioambiental “O mundo passado a limpo”, que abrange todas as áreas do conhecimento em todos os níveis de ensino, estimulando a reflexão e a prática de ações sustentáveis.

O projeto prevê desde a adoção de atitudes simples – como apagar as luzes, trocar copos plásticos por garrafinhas, semear hortas em pet, plantar flores em cascas de ovos e separar o lixo – até ações mais complexas – como a invenção de artefatos, a pesquisa de produtos domésticos com fórmulas não agressivas, a construção de brinquedos e o paisagismo com material reciclado, além do debate recorrente sobre o tema. O objetivo é desenvolver as responsabilidades individuais e coletivas, envolvendo diversas áreas do saber.

Trata-se da consolidação de um princípio muito antigo da Escola, pois meio ambiente, ética e cidadania sempre estiveram presentes no currículo. Não por acaso o João XXIII foi construído sobre uma área com tantas espécies botânicas, inclusive algumas em extinção, conforme levantamento feito pelos alunos, junto com o professor Sérgio Leite, do Departamento de Botânica da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Ufrgs), em 2009. Ao final do trabalho o veredito causou orgulho: A flora do João é irmã do exuberante e ecossistema do Parque Farroupilha.

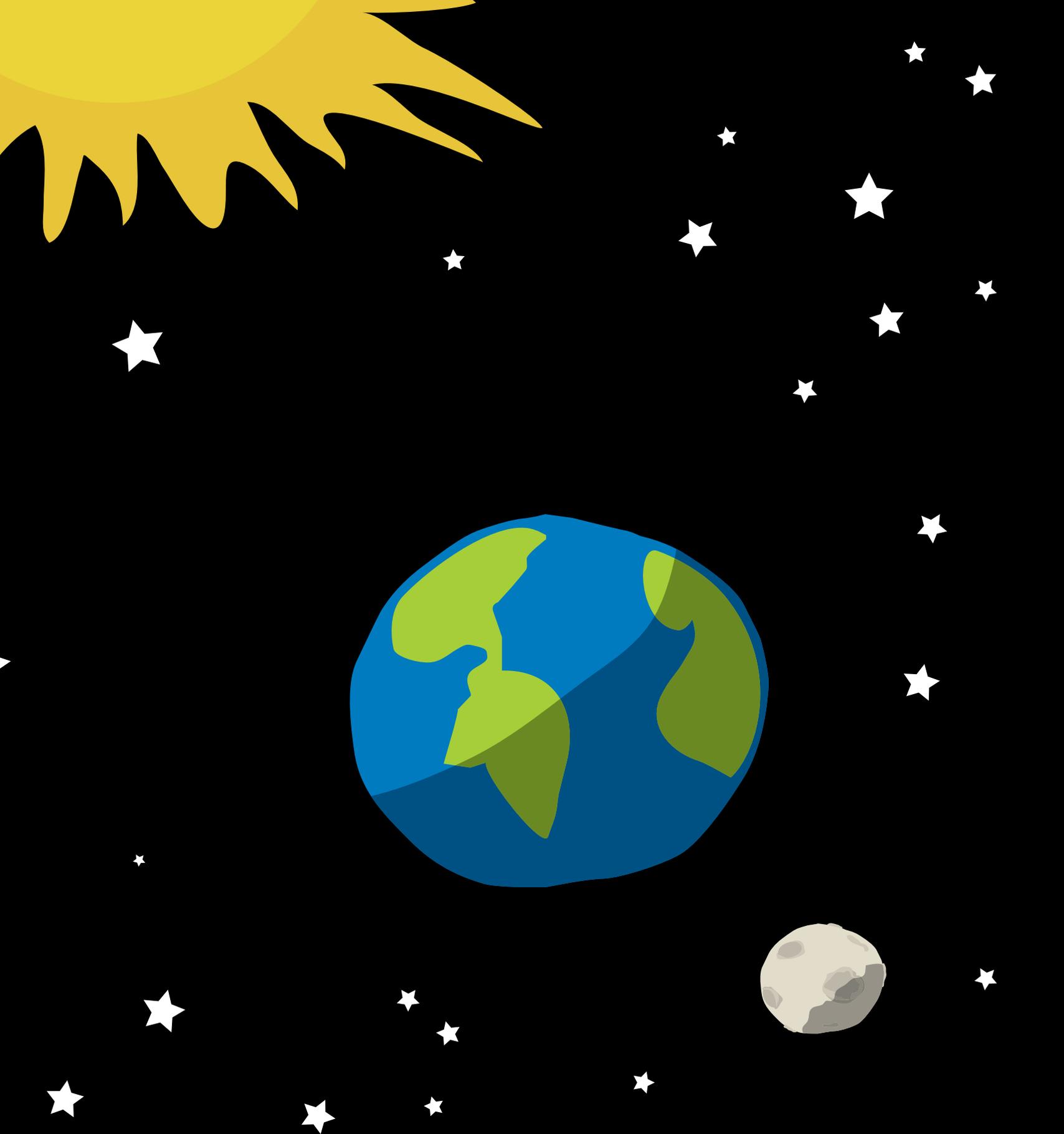




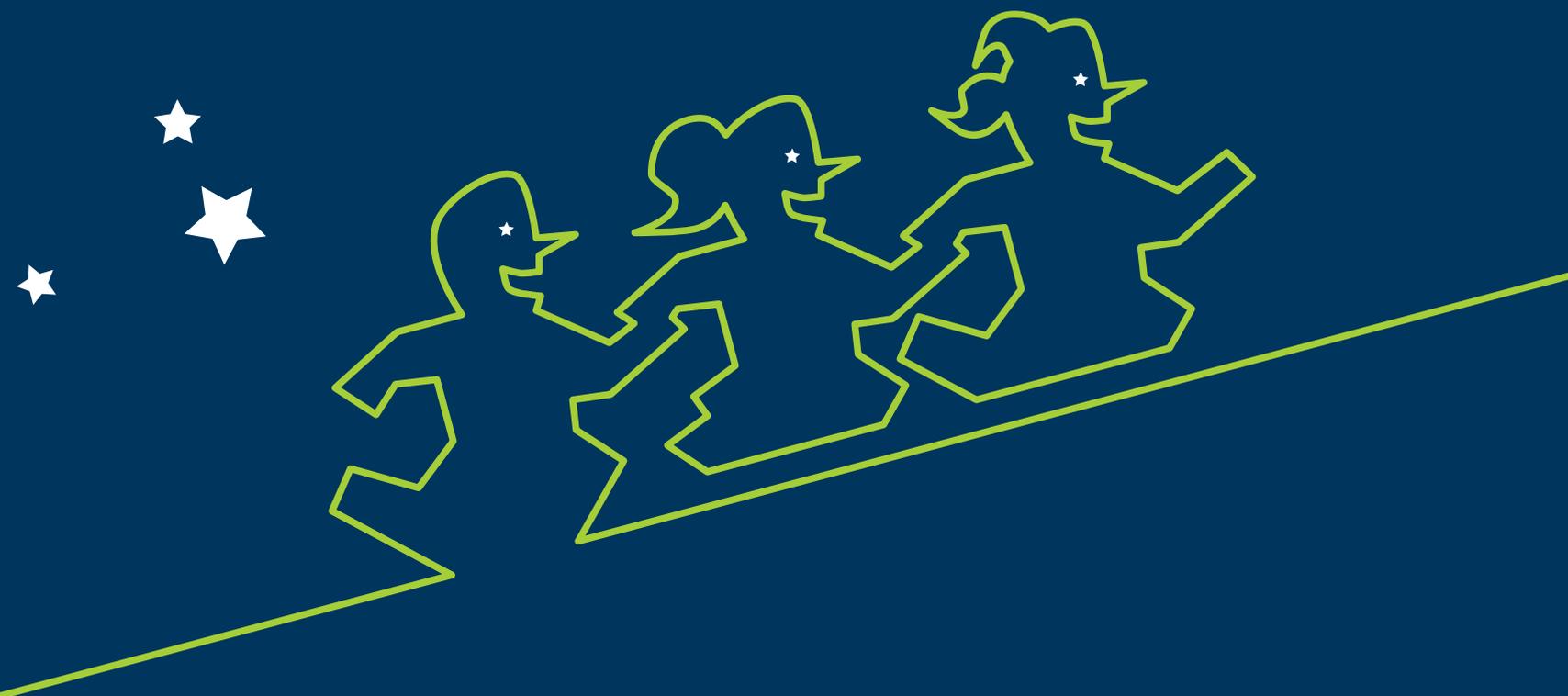


AMBIENTE VIRTUAL

Uma tendência contemporânea no campo da educação inspirou o Colégio João XXIII a implantar, em 2013, os ambientes virtuais para os alunos da 1ª e 2ª séries do Ensino Médio. A inovação é uma faceta da concepção pedagógica de salas-ambiente, proposta pela Escola. No João24hor@s, o aluno tem oportunidade de aprofundar os assuntos tratados em sala de aula presencial e fazer novas interações com as temáticas, o que lhe possibilita qualificar suas produções nas diversas áreas do conhecimento. Além do conteúdo elaborado pelo professor, as aulas proporcionam interatividade e conexão entre os saberes.







AO LONGO DO CAMINHO TEM GENTE

Inventiva, capaz, crítica, curiosa, consciente e solidária.



2007

É construído o novo prédio da Educação Infantil, batizado com o nome de um dos fundadores, Frederico Lamachia Filho.

2008

O Colégio recebe o 2º Prêmio de Responsabilidade Social, concedido pela Assembleia Legislativa, tornando-se a única escola particular a receber duas vezes o prêmio (2006 e 2008).

É inaugurado o novo campo, com grama sintética.

A escola participa do Salão UFRGS Jovem e tem trabalhos selecionados como Destaques e Honra ao Mérito. Desde então, sua participação no evento torna-se anual.

É implantado o projeto de identidade visual para sinalização dos prédios e espaços da Escola.

É inaugurado o Centro de Idiomas João XXIII.

O Cetrein é reativado como centro de Desenvolvimento Profissional Contínuo.

2009

Ex-formandos (2004-2005-2006) da Escola organizam o 1º Torneio de Futebol Sete para jogar no campo com grama sintética.

Equipe de Futsal categoria Infantil Masculina é campeã na Liga de Futsal de Porto Alegre.

Equipe feminina de Handebol do João XXIII conquista o Bi-Campeonato nos Jogos Abertos de Porto Alegre.

2010

Realizado Seminário “Bullyng- Estudos e Prevenção” para comunidade a escolar.

Os espaços pedagógicos da Escola são revitalizados, novas salas de Artes, quadras poliesportivas reformadas, pátios reestruturados e mobiliário novo para as salas de aula.

As árvores da área verde do João XXIII, de 25.000 m², são catalogadas e recebem crachás com identificação.

A Escola assume sua parte na responsabilidade socioambiental com o projeto “O Mundo Passado a Limpo”.



2011

A equipe de handebol masculino se classifica para a Olimpíada Escolar Nacional e participa dos jogos no estado da Paraíba.

A Escola recebe reconhecimento nacional com as melhores práticas na Educação Infantil, concedido pela Omo/UniLever e Instituto Sidarta.

2012

A Biblioteca Zilah Totta acolhe exposição sobre Direitos Humanos.

É implantado o nosso 5º ano do Ensino Fundamental de 9 anos.

A Banda J23 formada por alunos do Ensino Médio faz sua estreia.

2013

É realizada pesquisa de avaliação da Instituição encomendada pela Fundação Educacional João XXIII a uma empresa externa.

2014

O João XXIII completa 50 anos.

É inaugurado o 1º Parque Musical escolar Interativo no Brasil com esculturas sonoras.

A história da Escola é revivida em espetáculo multimídia no Theatro São Pedro de Porto Alegre.

Escola recebe Prêmio RBS de Educação e Prêmio FALA Memorial do Judiciário do Rio Grande do Sul.

O segredo do João
são as pessoas.





MAPA DO TESOURO

Como o João manteve a proposta de escola comunitária que educa gente inventiva, capaz, crítica, curiosa e consciente ao longo de meio século de turbulências políticas, tecnológicas, culturais e econômicas no Brasil e no mundo? Quem são hoje os mantenedores da filosofia dos pioneiros? Qual o perfil das famílias, dos diretores, dos professores, dos funcionários e dos alunos? De onde vêm e como se organizam? Como conciliam a administração pragmática de uma escola com o zelo de uma condução pedagógica tão desafiadora? Como lidam com crianças e jovens estimulados a questionar? Qual o segredo do João?

A Equipe Técnica e a Direção da Escola, quando desvendam esse segredo, começam por desmistificá-lo: “Existe algo que não é segredo para ninguém: o maior tesouro de uma escola são as pessoas”. Um texto – produzido por, Márcia Elisa Valiati, Hildair Garcia Camera, Ianne Vieira, Rosa Elizabeth Leal Berruti, Taís Holosback Mariani, Rosa Maria Limongi Ely, Denise Azevedo Simões Lopes, Mirian Zamboato, Sílvia Maria Pacheco Hervella, Maria Fernanda Hennemann, Maria Tereza Coelho e Anelori Lange – ressalta que, em uma instituição fiel à lição do mestre Paulo Freire, “Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”. Os alunos são vistos nas suas diferentes singularidades, e os professores têm uma atitude de abertura e articulação permanente entre a teoria, a prática e as relações sócio-afetivas. Também demonstram disposição de investir na formação pessoal e no trabalho em equipe. De forma geral, todo profissional que trabalha no Colégio João XXIII assume a responsabilidade de pensar e fazer educação, participando e contribuindo para o desenvolvimento do projeto político pedagógico.

Desde sua origem – avaliam as integrantes da Equipe Técnica – “o João XXIII apostou na educação como um processo indissociável entre a família e a escola. Sua marca é a participação, o diálogo e a construção conjunta. O Colégio passa a ser um



A família participa da rotina escolar.





lugar de relacionamentos compartilhados, capaz de se contrapor ao individualismo e à indiferença que caracterizam a vida contemporânea e de proporcionar redes de apoio educacional e social para alunos e famílias. Essa troca permanente estimula valores como reciprocidade, confiança e cooperação”.

AUTORRETRATO

Em uma pesquisa realizada com a comunidade escolar o Colégio João XXIII traçou seu autorretrato. Alguns depoimentos são emblemáticos. Sobre os professores, por exemplo, os entrevistados utilizaram definições como “trabalham com a curiosidades dos alunos” ou “são ousados e desenvolvem projetos diferenciados”.

Quanto aos estudantes, foi destacado o respeito à peculiaridade de cada um e o estímulo à superação de dificuldades. “Minha filha tinha problemas com a Matemática, mas aqui foi ensinada a superá-los e hoje adora Matemática”, destacou uma mãe. Também ficou evidente que os alunos se sentem aceitos e confortáveis no ambiente escolar e que o convívio com o João não termina quando toca o sinal para a saída. Eles prolongam a permanência e tendem a ficar no Colégio além do horário.

Almoçar na Cantina e realizar trabalhos em grupo nas dependências escolares é prazeroso aos estudantes. O fato de o Colégio estar situado em uma área preservada tem um valor agregado entre as famílias, pois proporciona às crianças um contato cotidiano com a natureza. Uma outra mãe participante da amostragem sintetizou: “Eles (os estudantes) consideram o João uma ampliação de suas casas, onde o espaço físico agradável e variado é sempre destacado, assim como a solidificação de amizades”.

Os alunos do João carregam esses laços afetivos pela vida afora. Têm uma identidade coletiva. O forte vínculo com o Colégio, entretanto, não os impede de voar e ganhar o mundo quando chega a hora. Porque, como definiu o educador Rubem Alves, “há escolas que são gaiolas e há escolas que são asas”. E o João, sem dúvida, pertence à segunda categoria.



*Os alunos do João têm
uma identidade coletiva.*





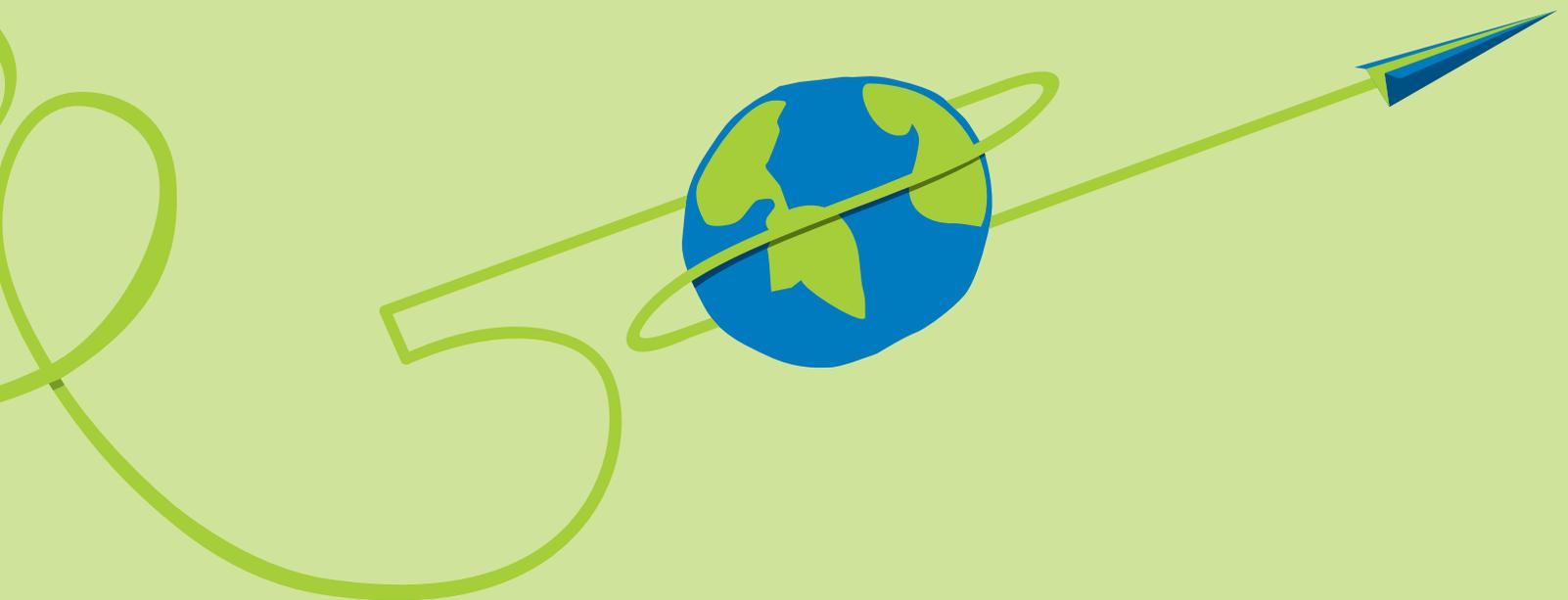


UM PASSEIO POR TODOS NÓS

Esta crônica começa num casarão. Começa com o sonho de um grupo de professores visionários que um dia decidiram criar uma nova proposta de escola, bem atrás, no remoto ano de 1964. Em torno desse sonho de fazer uma escola diferente em meio a acontecimentos terríveis de nossa história nasceu, há 50 anos, o Instituto Educacional João XXIII, o nosso João. O colégio, que surgiu como um sonho de quatro mentes privilegiadas virou uma realidade, virou fundação, os pais administram, participam, os alunos aprendem, propõem, discutem e aqui estamos nós. Cinquenta anos nestas páginas: um passeio por todos nós.

A viagem dos 50 anos do Colégio João XXIII começa num casarão e termina nas pessoas — ou começa com uma proposta revolucionária de ensino e organização e continua neste amor, o orgulho que têm todos aqueles que já foram do João, dos que fizeram e fazem até hoje a escola. E esta obra educacional começou cedo incentivando o coletivo. Sabemos que em certo ano da história de vida do João foi criada uma Fundação, na qual um conselho deliberativo gerido passou a cuidar dos negócios administrativos da escola. Sabemos, também, que um Fusca (ganho numa gincana) foi suficiente para que fosse comprado o terreno onde plantariam esse sonho; que os alunos desde cedo já participavam das decisões, que inclusive existiu um tronco que serviu de cenário para o começo de muitas amizades, iniciadas, antes, nas salas de aula. Tudo isso nos leva aos dias de hoje, em que os elevados índices de participação da comunidade (diretorias, alunos, professores, funcionários) é a marca de ouro do Colégio João XXIII. O mundo do João é uma casa onde todas as formas de liberdade e todo tipo de manifestação de pensamento são permitidas.

Agora o mais bonito nesta escola: a proposta. Muitos dizem: “O João é diferente”, e esta frase é uma espécie de marca registrada afetiva, porque muito ela diz sobre o que é o modo de ser João. Uma proposta construída ao longo dos anos a partir de uma



ideia pedagógica bem definida – uma escola comunitária – a envolver alunos e professores num processo didático e dialético, no qual o mais importante nunca foi o fim, a chegada, ou apenas o conteúdo, mas o caminho construído e socializado. E caminhando se vai andando – nas salas de aula, nas atividades do pátio, nos festivais de música e cinema, nas expressões de teatro, nas reuniões mais formais ou nas manifestações abertas a toda comunidade. Sim, “o João é diferente”, e muitos de nós já ouvimos comentários, entre professores e coordenadores, de que já tentaram parar de usar esta frase e colocar outra no lugar – mas não conseguiram. Há certas características que formam esta escola de maneira definitiva; a participação é uma delas.

No ano em que o Colégio João XXIII completa seus 50 anos, nada melhor do que lembrar esses momentos, por vezes breves, noutras longos aprendizados de vida, quase sempre marcantes para cada um de nós. O João é um passeio por todos. Penetra e fica. Como ficou para aquela ex-diretora, que em seu relato para o cinquentenário declarou que as coisas ficaram mais fáceis depois do João. Alguém aí pensa diferente? Fique à vontade, folheie estas páginas, permaneça neste sonho. Ele também é seu.

Edgar Aristimunho
Diretor de Comunicação - Fundação Educacional João XXIII
Gestão 2014-15



UM ANO INTEIRO...



...PARA COMEMORAR
MEIO SÉCULO





O EFEITO JOÃO

O João é um Colégio no qual não apenas os professores, mas as coordenadoras e os funcionários, todos têm uma relação de amizade e de acolhimento com os alunos, fazendo com que se sintam mais confortáveis. E estando em um ambiente mais confortável, os alunos não ficam pressionados. Isso faz com que o Colégio seja um lugar onde os alunos querem ir e querem frequentar. Além disso, o Colégio é extremamente transparente, não escondendo nada. Informa tudo aos alunos. Não só não informa, mas nos envolve nas decisões da Escola. Nós somos parte da escola

Antônio Olivé
Estudante, Ensino Fundamental, 7º ano A

Ao entrar no João XXIII encontrei pessoas muito receptivas. Com o tempo concluí que realmente tinha atingido meu objetivo: conhecer colegas especiais, funcionários, coordenadores e diretores amigos e respeitosos. Lá também encontrei professores que me estimularam a pensar. Hoje tenho certeza do quanto esses modelos me auxiliaram na minha formação pessoal e profissional. Obrigada por tudo.

Betina Teruchkin
médica psiquiatra e psicanalista

Foi um sonho ter começado a minha vida estudantil no Joãozinho, com aquela formação humanitária, tendo por trás toda a filosofia que meu pai, a Leda, a Lilia e a Zilah buscaram implementar. As minhas lembranças mais fortes são a gincana (Grande Gincana Ipiranga), das quais o Colégio participou com um empenho primoroso, conquistando o primeiro lugar em quatro edições do evento.

Cláudio Pacheco Prates Lamachia
ex-aluno, advogado

O João XXIII veio a fazer parte da minha vida antes dos meus filhos irem estudar lá. Conheci a Zilah Totta, que foi uma entusiasta da peça que montamos, o 'FLICTS' do Ziraldo, em 1971. Ela queria muito mostrar a peça na Escola, mas não conseguimos porque o grupo terminou antes. Aprendi a admirar o entusiasmo da professora Zilah por uma educação libertadora, ao estilo Paulo Freire. Quando meus filhos estavam em idade de frequentarem o colégio, veio toda essa admiração como peso para a escolha. Uma das qualidades da escola sempre foi a sociabilização e a diversidade. Uma escola que nos envolvia como pais no cotidiano da escola. Nesse período, fizemos dos pais dos colegas de nossos filhos amigos para sempre. Ainda somos amigos e companheiros. A vida dos colegas de nossos filhos ainda fazem parte das nossas vidas. O João foi uma escola que criou amizades profundas e que ainda permanecem conosco para sempre. Uma escola para sempre.

Cláudio Levitan
arquiteto, músico, escritor e desenhista

Para mim, falar no João XXIII é falar em sonhos. Desde jovem a gente tem utopias. E a escola se encaixa nisso. Formei minha filha aqui e um filho que estuda aqui. Estou há muito tempo no João, e nesses anos todos percebi essa relação do Colégio com o sonho. Não falo apenas em sonhos e utopias coletivas, mas também de utopias individuais. Para mim, isso é uma comunidade. Isso é uma escola comunitária de fato. Quando se trabalha com o coletivo e o indivíduo, é preciso respeitar todos os elementos da comunidade. E nesse sentido, o João é uma utopia que se realizou. Talvez ele ainda não esteja completo, porque tudo isso é um processo. Mas ele vem, sim, realizando pequenos sonhos, pequenas utopias: os meus sonhos com os meus filhos, o sonho dos outros pais, os sonhos dos professores, o sonho de cada educador- do porteiro à direção. Desse forma se produz "o humano". E isso é o mais bonito dessa Escola.

Cristina Pozzobon
artista plástica e jornalista

Comecei no Joãozinho em 1966, numa garagem da Av. João Pessoa, aluno da Tia Margit ou Margrit (por que não são mais 'tias' as professoras, se era uma maneira tão terna?). Subimos o morro, éramos uns loucos - pais e filhos - e ganhávamos todas as Gincanas da Tv Gaúcha. E como era bom 'acampar' em colchonetes enquanto nossos pais decifravam todas as charadas! Aí veio a adolescência e o Tronco passou a ser o centro dos 'pedidos de namoro' até que fomos nos tornando jovens que tinham aquele DNA maravilhoso construído por Zilah, a Lilia, o Lamachia & Cia. - sempre apoiado por uma grande e intensa participação de pais abnegados.

Pois o Joãozinho, além de meus queridos pais, formou-me uma pessoa coletivista, íntegra, de bom coração, sem preconceitos e, principalmente, otimista com relação à vida e seus desafios. Toda a vez que passo na frente dele sinto vontade de entrar para assistir a alguma aula do Flávio Oliveira, da Olenka, do Nubem, do Mamburu e de tantos outros que me faz bem lembrar.

Dado Schneider
professor, Comunicação e Marketing

Difícil explicar os motivos pelos quais o João XXIII foi e é diferente. Fato é que já sabíamos e nos vangloriávamos dessa diferença quando lá estudávamos. Mas por que essa diferença? O que a fez existente? Professores, funcionários, alunos, ideologia, campeonatos, gincanas, estrutura arquitetônica: nada é bastante para esclarecê-la. O que parece ter havido ali desde o início foi o escape das coisas que aprisionam a vida: um corajoso projeto oposto aos ditames do governo militar, ao longo do tempo uma série de projetos pedagógicos alternativos à normatização do conhecimento, o tempo todo apostas renovadas na alegria e na amizade.

Danichi Mizoguchi
psicólogo e professor

Fui aluno da primeira turma do Joãozinho de 1964 e ele segue sendo diferente porque envolve pessoas que estão ao seu redor. Na minha época o Colégio participava da Gincana Ipiranga (Escuderia Joãozinho) quando ganhamos um Fusca ano 68, zerinho. Eu tenho muita saudade daquela época. Na minha mente ainda estão a carrocinha de picolé, as conversas no ‘tronco’, a tia Zilah e a tia Lilia, os colegas e os professores do nosso Instituto. Digo ‘nosso’ porque quem estudou no João XXIII tem esse hábito muito presente: tratar o Colégio por ‘nosso’ numa demonstração clara do carinho e apego. E isso permanece ao longo dos anos

Euripedes Moraes Filho
consultor empresarial

Gosto de jogar futebol aqui na Escola. Gosto de brincar de pega-pega, conviver com meus amigos para brincar, de balançar e subir na árvore, gosto dos pneus e de olhar os bichos. A professora dá um colinho quando a criança se machuca, quando brigo, a professora conversa e me deixa feliz, quando to doente ou machucado ela cuida da minha perna. Sou muito feliz e alegre aqui.

Guilherme Thom Loss
estudante, Educação Infantil, Nível B

A natureza representa para mim beleza e alegria. Os alunos também têm uma relação forte com as plantas e querem saber sobre elas. Por isso gosto de trabalhar aqui. Me sinto bem no meio deles.

Jorge Marques Ribeiro
jardineiro



Meu desejo de ser professora foi sendo abastecido ao longo da minha formação, nas aulas do Instituto de Educação e na Ufrgs, mas foi aqui no João XXIII, ao colocar em prática tantas teorias e ideias, que descobri que sonhos se realizam. Ao longo desses anos de convivência nessa Escola me encantei pela profissão, pois encontrei pessoas iluminadas, entre elas minha coordenadora Márcia Elisa Valiati que com ousadia e conhecimento vislumbrou mudanças inovadoras para a etapa da Educação Infantil. Para concretizar nossos ideais, somos uma equipe composta por companheiras, colegas, parceiras, amigas, mestras, com as quais estou sempre aprendendo, compartilhando desejos, angústias e realizações ao longo dessa trajetória de 15 anos. Porém tenho certeza que as responsáveis pela alegria dos nossos dias, pela busca constante de qualificação são as crianças, estrelas que iluminam nossas vidas, que abastecem o brilho do nosso olhar, seres mágicos, que com suas brincadeiras nos transformam em princesas, bruxas, bichos, cantores, monstros, fadas... Somos únicos e ao mesmo tempo somos múltiplos. Assim, ser professora no João XXIII é encontrar sentido para algo tão importante: educação de qualidade para crianças pequenas, construindo junto essa história educacional diferente e inovadora. Nesse contexto, destaco a afirmativa de Madalena Freire, que ressalta o valor da educação com sentido para a vida aqui e agora. Finalizo agradecendo as famílias que são parceiras nessa história, que valorizam nosso trabalho, que se encantam com as descobertas das crianças, que compartilham conosco a alegria de viver e conviver no João.

*Karina Rosiki Arenda
professora, Educação Infantil*

Um pedaço de nossas vidas fica aqui e um pedaço vai conosco. (Oradoras, Ensino Médio, 3ª C, 2011)

*Larissa Vargas Vieira e Giovana Leke Franchetto
ex-alunas*

Liberdade com responsabilidade. Esse ainda é o lema do meu amado João XXIII. A lembrança mais forte que tenho se refere às minhas visitas matutinas à horta, no fundo do Colégio, onde eu e o meu amiguinho Tiago (hoje grande amigo Tiago Ely) zelávamos pelas beterrabas plantadas sob o comando da Tia Fátima. Como atleta, sigo tendo uma forte ligação com a natureza e com as amizades que essa profissão me proporciona.

Lucas Pretto
atleta

1986-2014: Longos anos, que não apenas acrescentaram muita história à minha história de vida, mas também me (re) construíram, (trans) formaram, (re)significaram, consolidando valores sobre os quais desenvolvi minha prática pedagógica e construí laços de afeto que nem o tempo nem a distância desfazem.

Orgulho de fazer parte da história desta Escola!

Uma escola que não é diferente, mas que faz a diferença, na medida em que não só acolhe, mas também estimula a formação de seres singulares, ousados, capazes de atuar com sucesso nas mais diversas áreas e contribuir para “tornar o mundo um lugar melhor de se viver”.

Uma escola que se renova constantemente, sem perder de vista os princípios que nortearam a sua fundação.

Uma escola que aposta na utopia porque reconhece que ela “serve para caminhar”.

Uma escola que voa e ensina a voar, “sem esquecer de levar no bico ou nas patas o grão de terra com que alimentar o voo”.

Obrigada Joãozinho!!!

Que a utopia dos teus fundadores continue inspirando novas utopias.

Sim!!! A utopia é possível!

Mara Krebs
professora, Língua Portuguesa

O contato com os alunos me dá alegria e é com ela que eu me movo. Estou aqui para acrescentar no que puder Não está sendo fácil pensar na aposentadoria porque o João é a Escola de que eu gosto e em que acredito. Faz parte da minha vida

*Maria Lúcia Lopes Pinto de Assis, Duda
professora, Biologia*

O João XXIII e as pessoas que tive o prazer de conhecer aqui- funcionários, colegas e professores - fazem parte da minha família. Aqui é o lugar onde construí meu caráter e minha identidade, onde aprendi a me expressar e a formar opiniões, onde fiz inúmeras amizades de importância incomparável. Esse Colégio me transformou na pessoa que tenho orgulho de ser. O João XXIII tem sido minha segunda casa há mais de uma década, e sei que o fato de estar entrando em uma outra etapa da minha vida no final do ano não vai fazer do Colégio apenas uma agradável lembrança. Uma vez que se faz parte da família do João XXIII não podemos, e não queremos, voltar atrás.

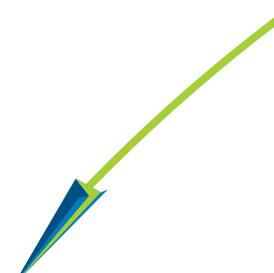
*Marina Anele
estudante, Ensino Médio, 3ª série*

Em 1985 quando cheguei aqui, o Colégio acreditou na minha capacidade e investiu no meu saber profissional. Com o passar do tempo, fui me capacitando e me apaixonando pela educação. Sempre que precisei fui ouvida, tive e tenho meu espaço para expor, criar e, na minha trajetória, atuei em diferentes áreas, entendendo melhor a complexidade que envolve o nosso Colégio.

É maravilhoso trabalhar aqui, é apaixonante, mas nada simples não. Vinícius de Moraes já dizia: “A vida é a arte do encontro, embora haja tanto desencontro pela vida. É preciso encontrar as coisas certas da vida, para que ela tenha o sentido que se deseja”.

E, pegando emprestado as palavras do poeta, digo que a escolha de uma profissão é a arte de um encontro. Porque uma vida só adquire vida quando a gente empresta a nossa vida, para o resto da vida. E assim é a minha relação com o João

*Maristela da Costa Sebrão
professora, Ensino Fundamental, 1º ano*



Formamos cidadãos e por isso devemos levar princípios para a sala de aula, incluindo posição política e tudo mais que compõe a verdade de cada um. Isso cativa os alunos para a matéria, para ti e para a vida. No João me sinto um pouco proprietário. Vi a Escola crescer como professor e pai de aluno. É como se isso aqui fosse minha fazenda.

Mateus Andrade
ex-professor, Química

Ganhei muita coisa boa na vida e estava na hora de retribuir. O trabalho no João manteve a minha cabeça e o meu corpo ativos.

Mercedes Widholzqr
avó de ex-alunos e voluntária no Secom

Por que o João é diferente? Porque soube valorizar algumas coisas mais importantes que certos conhecimentos objetivos, em um mundo que caminha cada vez mais para uma visão pragmática das coisas. Sinto orgulho de dizer que tive aulas de Filosofia no primeiro grau e que, apesar de ser um aluno regular em Música, ainda sei tocar algumas canções dos Beatles na flauta doce. Isso fez total diferença na minha formação. O Colégio determinou muito quem eu sou. O que fez o Colégio diferente sempre foi essa capacidade de ir além dos seus portões. De ser mais do que um Colégio.

Nico Collares
publicitário

É uma escola descomplicada e acolhedora para alunos e professores. Meus objetivos sempre foram fazer com que os alunos entendessem a Matemática e a vida.

Oswaldo Gomes Taveira Mano
ex-professor, Matemática

Sempre achei que o João era diferente. Não adiantava ninguém querer discutir, sempre defendi minha Escola como se fosse a melhor do mundo - e para mim, era. Não sei se pela forma de ensinar, pela maneira de tratar os alunos ou pelo ambiente arborizado, diferente, inspirador. Só sei que foi nesse Colégio que passei anos muito felizes da minha infância e adolescência e foi onde aprendi a ser que eu sou. Foi onde aprendi a respeitar o próximo, a fazer amigos, a gostar de Música, de Arte, de História, de Literatura e, obviamente, de Redação, uma das minhas grandes paixões até hoje.

Priscila Carvalho
jornalista

O João XXIII me ensinou que acreditar no meu potencial e construir relações afetivas são tarefas importantes na vida. E que a inteligência é muito mais do que aquela encontrada nos livros. Me ensinou que estudar é importante, mas não é tudo. Que a criatividade, a música, as relações pessoais e o ser humano são pilares na nossa construção. Lá éramos pessoas e não números. Isso me ajudou a ser mais leve, mais livre e responsável.

Roberta Sirângelo Machado
psicóloga

O João XXIII representa muito na minha vida profissional e familiar. Foi minha primeira escola e minha primeira experiência profissional. Sou grato por estar aqui e pela confiança depositada no meu trabalho. Estar ao lado de tanta gente boa e competente não é privilégio de todos. É minha segunda casa e me sinto honrado por fazer parte da história dessa Escola. Formei meu filho aqui e tenho certeza de que o João contribuiu muito na sua formação. Espero que o João XXIII continue sempre inovando nas ideias e propostas pedagógicas, mas mantendo, sempre, a sua essência e seus princípios.

Rogério Bohns
professor, Educação Física



Passei muitos momentos felizes e conheci amigos verdadeiros, que até hoje encontro e se tornaram minha família. Sem falar nos professores e funcionários que serão sempre especiais na minha lembrança e eternos amigos.

Sabine Possa Marroni
fonoaudióloga e psicóloga

Adoro esse lugar. Não imaginava que sentiria tanto afeto por todos. Esta escola possibilitou que meu filho passasse na Ufrgs sem cursinho e sou muito agradecido por isso. Por mim, não saio daqui nunca.

Sérgio Ramos
coordenador de Patrimônio

As aulas do Cetrein foram uma terapia. Eles fizeram com que eu entendesse muitas coisas que passei na infância e o que me faltou para ter uma vida melhor. Assim eu posso contribuir para que o que os pequenos tenham o melhor para a vida deles e dar apoio a tudo que eles precisam.

Silvia Portela
educadora infantil assistente, Escola Padre Pedro Leonard
aluna do Cetrein

O João XXIII é um colégio que me traz muitas alegrias a cada dia vivido nele. Tem ótimos professores, coordenadores, enfim, nossos companheiros aqui dentro. E o mais importante e marcante é aquele jeito diferente de ensinar, que tem sido aplicado há 50 anos. Eu realmente adoro esta Escola, e com certeza boa parte do que vivi e vou viver neste Colégio vai ficar dentro de mim para muito além da vida escolar.

Stella Ziliotto Farias
estudante, Ensino Fundamental, 5º ano A

• ABIGAYL SUZANA BATISTA • ADILSON COSTA RODRIGUES • ADRIANA DE ALENCASTRO CORACINI • ADRIANA DOS SANTOS MORAES • ADRIANA PANDOLFO GOYTACAZ • ADRIANO LUIS BASEGIO • ALEXANDRE ALVES BITENCOURT • ALINE LUCAS DA SILVA • AMANDA ROCHA PASSUELLO • ANA CRISTINA OVIEDO DORNELES • ANA ISABEL DE OLIVEIRA MAESTRI • ANA LUIZA BERGMANN • ANA PAULA NUNES STOLL • ANDERSON PIRES BOPSIN • ANDRE LUIS FERNANDES DA ROCHA • ANDREA ALVES MACHADO • ANDRESSA FERNANDES VIERO • ANELORI LANGE • ANETE ESTEVES SANT ANNA • ANGELA LORENA BONO BILHALVA • ANGELA MARIA BALDIN SOARES • ANNA MARIA DANIELE ADRIANO • ARTUR FELIPE BENDER BERGELT • AURELIO SOARES MENDONÇA • BARBARA MIRANDA DOS SANTOS DURGANTE • BERENICE SCHIRRMANN LUDWIG • BERNARDETE BARBOSA SAMBAQUI • BIANCA EBELING BARBOSA • BIBIANA SOUZA VIEIRA • BRUNA FAGUNDES DE OLIVEIRA • CAMILA VIEIRA DE OLIVIERA • CARINE DA SILVA • CARLA AUTUORI DE LIMA • CARLA ESTEPHANI ALVES DE AGUIAR • CARLA NUNES MARTINS • CARLOS ANTONIO DE OLIVEIRA • CARLOS AUGUSTO DOS SANTOS ROLIM • CARMEN REGINA GARCIA DE LIMA VELLINHO • CAROLINA CORREA CONCEIÇÃO • CAROLINE DE SOUZA KLEMENT • CASSIO BARCELLOS HERVE • CASSIO KIECHALOSKI CORREIA DE MELLO • CATIA DOS SANTOS FRANCISQUETE • CELSO VIEIRA • CESAR AUGUSTO DE BORBA MATOS • CLARA COELHO MARQUES • CLARISSA RESCHKE MARTINS • CLARISSE NORMANN • CLECI LOPEZ GIMENEZ • CLODOALDO PEREIRA DOS SANTOS • CRISTIANE LUCENA PRADO • CRISTIANE SALDANHA • CRISTINA FERREIRA DE MELLO • DAIANA CASTRO BORGES SALVADIGO DA SILVA • DANIELA DA SILVA ROZA • DANIELA DUTRA SILVEIRA • DANIELA SILVA DOS PASSOS • DARIO DE SOUZA ROCHA • DÉBORA CABRERA SPOLAVORI • DENISE DE AZEVEDO SIMÕES LOPES • DIEGO DA COSTA BRASIL • DIEGO MACHADO • DOUGLAS FOCESATO • EDDA BEATRIZ DE SOUZA POERSCH • EDEMILSON BUENO DOMINGOS • EDER DORNELES STEDILL • EDILAINÉ FRIZZO • EDUARDO DE BARROS NUNES • EDUARDO DE BERNARDES E BALDO • EDUARDO FIGUEIRO CRUZ • EDUARDO OLIARI • ELENUSE CARVALHO DE FREITAS • ELIANE SOARES SANTA BRIGIDA • ELISABETH BOESE ZANI MEZES • ENELMA OLIVEIRA BOCHENEK • ERNANI ANGELIM COSTA • ESTEVÃO GREZELI DE BARROS NEVES • EVERSON BORGES DA SILVA • EVERTON LUIS DA SILVA TORRES • FABIANA CATALANI LISBOA • FATIMA ESCHBERGER • FERNANDA TERRA DE SOUZA • FERNANDA VENCATO RADAJESKI • FERNANDO BARRETO COSTA • FRANCIÉLEN DE OLIVEIRA • FRANCINE OURIVES RODRIGUES • GABRIELA SILVA CORREA • GECLAIR DA CONCEIÇÃO LUCAS DA CUNHA • HELENA ROCHA CESAR • HENRIQUE LIMA ARAUJO • HILDAIR GARCIA CAMERA • IANNE ELY GODOI VIEIRA • IBIRA SOUZA COSTA • INAJARA ALVES • IRIO UBIRAJARA NASCIMENTO GUERRA • IRIS VALIENTE DA SILVA • ISABEL DA SILVA RODRIGUES SOUZA • ISABELE CORINO KLEIN • ISADORA MACIEL • ISADORA VIEGAS SILVEIRA • IURI SANSON AGUILERA • IVANA TEREZINHA TRES DEPAOLI • IVONE RIZZO BINS • IZAIAS OLIVEIRA DA COSTA JUNIOR • JACQUELINE SEQUEIRA • JANAINA DE PINHO SILVEIRA • JAQUELINE CLAUSSEN FASTOVSKY GUTERRES • JÉSSICA ROSA • JOAO BATISTA DA SILVA CABRAL • JOCELI DE CASSIA DE ANDRADE • JORGE MARQUES RIBEIRO • JOSE ANTONIO AFONSO DA COSTA BOCCHI • JOSE ANTONIO OLIVEIRA DO AMARAL • JOSÉ PAULO DOS SANTOS • JOSEANE RUSCHEL MANCIO • JUSSARA TEREZINHA DA SILVA PACHECO • JUSSIANE FREITAS DE AZEVEDO • KARINA ROSISKI ARENDA • KAROLINA CARDOZO PEREIRA • KATIELLY ALVES • KELLI CRISTINA CARDOSO DE SIQUEIRA •

SOMOS

JO

LAURA TORRES POSSAP • LEANDRO ADOLFO DA SILVA • LEONARDO DA SILVA LIMA • LEONIDA DE FÁTIMA LIMA DA SILVA • LEONOR COMARU CABRAL SALGUEIRO • LETICIA ZAGO MEIRELLES • LIA CASSANDRA TRINDADE • LISIANE MEDEIROS • LISSANDRA GONCALVES MENDES • LUANA DAL FORNO GAY • LUANA DALZOTTO DE CASTRO ALVES • LUCAS FRIZZO ALEXANDRE • LUCAS RAUGUST • LUCIANA BECKEL PACHECO • LUCIANA RODRIGUES DE AGUIAR • LUCIANO STROPPER DA SILVA • LUCIENE BARROSO DE SOUZA • LUCIMARA SANTOS • LUIS ALBERTO FLORES LUCINI • LUIS EDUARDO PILOTTI • LUÍS FERNANDO KALIFE JÚNIOR • LUIZA CARMONA CALHEIROS • LUÍZA VERGARA DE AZEVEDO RODRIGUES PINTO • LUTIANA SPINDOLA BERNARDO • MARA ELIZABETH DA CUNHA KREBS • MARCELLO FERREIRA SOARES JUNIOR • MARCELO LEITÃO PEREIRA • MARCELO MELO PEREIRA • MARCIA ELISA VALIATI • MARCUS SCHLEDER • MARIA APARECIDA MAIA HILZENDEGER • MARIA CRISTINA SEHN • MARIA FERNANDA SOLEDADE HENNEMANN • MARIA LUCIA LOPES PINTO DE ASSIS • MARIA MARILEI WEISS PINTO • MARIA PAULA GOULARTE JUCHEM • MARIA TERESA SOARES • MARIA TEREZA COELHO • MARIANA ARAÚJO MONTANO • MARIANA BARCELOS RAMOS • MARIANNA CORREA BITENCOURT • MARILENE LOPES • MARINA SANFELICE VALENZUELA • MARINNA NUNES SCHMAL OLIVEIRA • MARISTELA DA COSTA SEBRÃO • MARISTELA DA SILVA DUTRA • MARITANA KAEMPFER • MARIZA TAVARES WILLRICH • MARLIZE DOS SANTOS OLIVEIRA • MARTA REGINA ROCHA • MARTA SOUZA DA SILVA • MATHEUS FERNANDES ZOCH DE MOURA • MAURICIO LINO DE ALMEIDA • MAURO FERNANDES • MELISSA DORNELLES • MELISSA KLEIN DE ABREU • MICHELLE DE AZEVEDO ZATAR • MIRIAN SCHENKEL • MIRIAN ZAMBONATO • MIRNA ZINN • NARAYANA NIEDERSBERG CORREIA LIMA ARAUJO • NATHÁLIA CARGNIN SANTOS • NATHALIA LUISA GIRAUD GASPARINI • NEI FERRAZ MATIAS • NIVIO ELI RIBEIRO DA SILVA JUNIOR • NUTRICIONISTA -LÍVIA LESSA LEÃES • ONDINA MENDES DE MOURA • PAMELA REJANE BAPTISTA DOS SANTOS • PAOLA VIEIRA PRATES • PAOLO FRANCIOZI PINTO • PATRICIA CASTRO DE ARAÚJO • PAULO CESAR DOS REIS BRAZ • PAULO ROBERTO BRISOTTO • PRISCILA DE QUEIROZ MACEDO • PRISCILA ESTEVES GONÇALVES • RAFAEL DE ALMEIDA SANT'ANNA • RAFAEL GARCIA DE OLIVEIRA • RAQUEL LEAO LUZ • RENAN VIEIRA RODRIGUES • RENATA GUIMARÃES MARTELLET • RENATO FISCHMAN OSORIO • ROBERTA DIAS MARQUES • ROBERTO ANDRADE • ROGER LUIS LIMA DOS SANTOS • ROGÉRIO BRASIL JÚNIOR • ROGERIO LIMA CARRICONDE • ROGERIO OLIVEIRA BOHNS • RONALDO BATISTA DIAS • ROSA ELIZABETH LEAL BERRUTTI • ROSA MARIA LIMONGI ELY • ROSA MARIA MARQUES DA FONSECA • ROSANE DIAS RODRIGUEZ • ROSANGELA ARNDT GOMES DRESCH • ROSANGELA CASTRO CAJAL • ROSELAINE VALESSA FORTES LOPES • ROSSANA CECILIA JOHANN CATTANI • SABRINA MARTINS GODOI BRINO • SANDRA MARA DA ROSA • SERGIO DA SILVA RAMOS • SERGIO RICARDO SANTOS JUNIOR • SILVANA STEFANI MEIRELES LUIZ • SILVIA LOPES DOS SANTOS • SILVIA MARIA PACHECO HERVELLA • SILVIA ROSANE CARDOSO BRAGA • SIRLENE FRANCISCO • STELLA NUNES RODRIGUES • SUSAN CATHERINE BROWN • TABATA JIMENEZ PADILHA • TACIANE DE MELLO DUARTE • TAIS HOLOSBACK MARIANI • TALITA SILVA DA SILVA • TATIANA RIBEIRO TEIXEIRA • THAIS DE FREITAS MEDITSCH • UBIRAJARA TAMARATÁ PEREIRA • UENDEL ZINELLI DAL FORNO • VALDAIR DOS SANTOS PEIXOTO • VANESSA RATTAY • VERA LUCIA VIEIRA PEREIRA • VIVIAN BIGGOWEIT • VIVIANE DOS SANTOS CARVALHO • VIVIANE PIRES SOUZA •

TODOS

~

ÃO







Há escolas que são gaiolas e há escolas que são asas

Escolas que são gaiolas existem para que os pássaros desaprendam a arte do voo. Pássaros engaiolados são pássaros sob controle. Engaiolados, o seu dono pode levá-los aonde quiser. Pássaros engaiolados sempre têm um dono. Deixam de ser pássaros, porque a essência de um pássaro é o voo.

Escolas que são asas não amam pássaros engaiolados. O que elas amam são os pássaros em voo. Existem para dar aos pássaros coragem para voar. Ensinar o voo, isso elas não podem fazer, porque o voo já nasce dentro dos pássaros. O voo não pode ser ensinado, Só pode ser encorajado.

Rubem Alves